MARANGUAPE (*)

Ceará

(Aspectos Histórico-Geográficos)

PEDRO GOMES DE MATOS

ETIMOLOGIA DO TOPÔNIMO

"Árvore que de nenhuma maneira se come"; de *mara,* árvore, *angai,* de nenhuma maneira, e *guabe,* comer. Martius, pág. 514; talvez "guerreiro, sabedor da guerra", abreviatura de *maramonhang,* fazer guerra, ou o substantivo simples guerrear, de que se fêz o verbo composto, e *coaub,* sabedor. José de Alencar, "Iracema", pág. 183.

Em data de antigas sesmarias encontra-se escrito *Maraguaba,* de que Maranguape já deve ser corrutela e que significa — "árvore de comer, ou de fruto que se come"; de *mara,* árvore, e *guabe,* comer. Penso que esta é a verdadeira etimologia (Paulino Nogueira, "Vocabulário Indígena", na Rev. do Inst. do Ceará, vol. 1.º, pág. 345).

Segundo João Brígido, Maranguape é corrução de *Maragoa, Maragoab, Maragoaba.* Os holandeses não nos deixaram o nome que os indígenas davam ao local da cidade atual. Deram, porém, à serra em frente o de — *Marágoa,* que se encontra escrito — *Marágoaba* em documentos portuguêses, posteriores à evacuação... *Marágoa, Maragoab* e *Maragoaba?* Entre os portuguêses não houve um b demais, e, por fim, um a. *Mara* quer dizer mato. *Goa* e *Goab,* que Montoya diz *Guab,* é o mesmo que *Qua,* quer dizer — "apertado, cerrado", etc. Destarte, *Maragoa, Maragoab, Maragoaba,* finalmente, *Maragoape,* tudo quer dizer — "mato fechado, cerrado, etc." (Rev. do Inst. do Ceará, vol. 16, pág. 123).

(*) O Município de Maranguape aqui se acha descrito em suas linhas gerais. Procurei fazer síntese e evitar individualizações, sem prejuízo da parte descritiva. É um esfôrço histórico e geográfico e, como todo trabalho dessa natureza, sujeito a erros, equívocos e omissões.

Maragoape, como vem escrito na sesmaria de Tomé Dias, principal da Aldeia de Parangana, em 1707 — escreve Teodoro Sampaio — ou *Maragoá,* como se lê na planta do forte de Schoonenborch de 1649, é na verdade o mesmo nome Maranguape de hoje. Tôda a dúvida desaparece logo que se observe que a palavra Maranguape representa a aglutinação de três elementos bem distintos — *Marã — goi — pe,* que a última sílaba do radical *marã* é nasal, escrevendo-se mais corretamente *maran,* que quer dizer guerra, luta, batalha, confusão, que a terminação *pe* é uma simples regência que nós denominamos preposição, porque no português se coloca sempre antes do nome regido, mas que no tupi devemos chamar posposição, porque, ao contrário, sempre se coloca após o dito nome, posposição que pode desaparecer da palavra a que se aglutinou sem a alterar substancialmente. *Marãgoa* (*marã-goá*) se traduz "vale da batalha ou baixa da peleja", e *maraguape* (*mara-goá-pe*) significa "no vale ou baixa de batalha".

A grafia atual — Maranguape — exprime com mais exatidão a palavra tupi ("Rev. do Inst. do Ceará", vol. 16, pág. 217). O Barão de Studart aceita essa explicação etimológica (Rev. cit., vol. 38, pág. 123).

(Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, "O Ceará", 1939.)

MARANGUAPE — ASPECTOS HISTÓRICOS

Oferece-nos Maranguape motivos de particular beleza, não apenas pelos seus panoramas, como pela harmonia azul de riscos que, do vale, nos é dado admirar. Maranguape, que está para Fortaleza assim como Petrópolis está para o Rio, "é uma Suíça calma e tranqüila, sem as grandes emoções alpestres, uma Suíça de fisionomia alegre, expansiva e risonha".

Encravada a cidade ao sopé da serra, controvertidas ainda agora são as opiniões no que tange ao primeiro aldeamento de Maranguape. Segundo João Brígido ("Efemérides do Ceará"), foram os índios Potiguaras os primeiros povoadores do Município, vindo êstes, em 1607, do Rio Grande do Norte com a famosa expedição de Pêro Coelho de Sousa, o primeiro filho de Portugal que levantou um presídio na costa do Ceará, quatro anos depois de sua incursão à Serra da Ibiapaba contra os índios e os franceses de um tal Adolfo Montbile.

Segundo essa fonte, os Potiguaras ter-se-iam aldeado em Santo Antônio do Pitaguari. Não obstante a afirmativa, dela discorda, e com apoio, aliás, na tradição, na lógica e nos fatôres geográficos (a indiada preferia as serras frescas das proximidades do litoral, perlongando às vêzes os vales dos rios), em monografia publicada em

1911, o Dr. José Pires de Carvalho, o qual diz que o aldeamento dos Potiguaras se processou, não em Santo Antônio do Pitaguari, mas no Bairro Outra Banda, antigo Alto da Vila, da sede municipal, e que ainda não existia, diga-se de passagem.

Do nome do chefe da tribo — Maranguab — originou-se o nome da Cidade e do Município.

Reza a tradição que o chefe da aguerrida tribo dos Potiguaras, dos povos Tupis, que assenhoreavam larga faixa do litoral brasileiro (indo os seus domínios do Rio Grande do Norte à Barra do Ceará e daí ao Piauí), velho e cansado, se finou num dos socavões da Serra de Maranguape, onde o seu corpo foi encontrado coberto de formigas.

Humberto de Campos fixa o episódio:

"Foi aqui neste píncaro alteroso
Que o maior dos indígenas encerra,
Que o sol beijou o camucim cheiroso
De MARANGUAB — o sabedor da guerra.

Seu camucim já transbordava. A terra
Que o mar banha era sua. Cego e idoso,
Trocou as ondas pela verde serra
Onde a água salta sob o céu radioso.

Velho guerreiro potiguar! Teu nome
Não mais se apaga desta terra imensa,
Dêste peito de pedra não se some.

Que o Pirapora, que marulha e espuma,
Inda guarda o teu túmulo e te incensa
Com o seu frio turíbulo de espuma!"

A BUSCA DA PRATA

Como fator de desbravamento da região, destaca-se a segunda expedição de Matias Beck, vinda de Pernambuco ao Ceará, no século XVII, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, para o descobrimento de minas nas serras. Inspirava-a, inclusive, a política expansionista da Holanda.

Anota João Brígido em "Resumo Cronológico para a História do Ceará": — 1649 — Matias Beck desembarca na baía do Mucuripe e funda o Forte Schoonenborch, entra em relação com os índios e dá começo aos trabalhos da exploração do Monte Itarema, ligado a Maranguape, supondo ter encontrado ali as minas de prata que,

segundo a tradição, já haviam sido descobertas por Moreno." A flotilha de Beck lançou âncora no Mucuripe a 3 de abril do referido ano.

Dos trabalhos realizados sob a direção de Hendrick Van Ham (Comissário) e do engenheiro João Castilliaen, dá-nos conta o "Diário" de Matias Beck, nos trechos que se seguem: — "Na manhã de 1.º de maio procurou-me o mestre Jonas, ourives, referindo que das 7 libras de mineral, que eu ontem lhe entreguei, apenas pudera extrair 1|2 libra de prata; repetiu que, caso fôsse encontrado o verdadeiro veio, a mina seria das mais rendosas, mas que de presente o mineral era muito pobre e não compensava as despesas da extração, porquanto para expurgar e separar do mineral a referida 1|2 libra de prata, que me entregou, gastava em reagentes cêrca de dois reales."

"25 de julho. Pela manhã chegou um índio do Monte Maragoaba, trazendo um pedaço de mineral de côr brilhante como ouro, e como o mestre Jonas, o ourives, não tivesse esmeril, não pôde examiná-lo quanto à qualidade da prata; mas tomando uma amostra e submetendo-a a prova, encontrou vestígios da prata, o que é indício suficiente de que no Monte Maragoaba, próximo ao Monte Itarema, existem também minerais de prata; o pedaço trazido foi apanhado à flor da terra, pois, conforme declarou o índio, não possui ferramenta alguma para extraí-lo das rochas e veios, do contrário teria trazido maior e melhor amostra, o que prometeu fazer na primeira ocasião."

As pesquisas de prata em Itarema e Maranguape se prolongaram até janeiro de 1654, época na qual findou, com a rendição flamenga, no Recife, a velha e heróica campanha de 24 anos.

Um século depois, El Rei D. José, por Provisão Régia de 14 de dezembro de 1754, concedia privilégio ao Capitão-Mor do Ceará, Luís Quaresma Dourado (o mesmo que em 1752 pretendeu extrair ouro em Missão Velha), e a seus filhos Augustinho de Balões e Melo e Gonçalo José de Melo para explorar as minas de prata de Maranguape e Uruburetama, que o impetrante dizia em haver descoberto.

O eminente geógrafo e naturalista, Dr. Guilherme Schuch de Capanema, que explorou o Purus, o Madeira e o Japupara e fêz parte, em 1859, da Comissão Científica de Exploração do Nordeste, chefiada pelo Professor Francisco Freire Alemão, escreve: "Procedi a alguns estudos nas vizinhanças da capital, inclusive na Serra da Taquara, onde se dizia haver uma mina de prata, que foi lavrada pelos holandeses; a escavação estava cheia dágua, e creio que foi feita para êste fim; as cascalheiras de gnaisse não mostravam o menor indício de metal algum. Um velho que nos servia de guia asseverou que havia ali antigos fornos, porém por mais que êle e nós procurássemos, não foi possível encontrar nem vestígio sequer"!

Esclarece o escritor conterrâneo Gustavo Barroso que num mapa holandês encontrado nos arquivos dos Países-Baixos, pelo ilustre historiador e jurista José Higino Duarte Pereira, figura indicado um pequeno quartel holandês, que, naturalmente, guardava a mina de prata.

Diz o autor de "Terra de Sol": "Em 1929 quando fui ao Ceará pronunciar o discurso de inauguração da estátua de José de Alencar, em profunda escavação da Serra da Taquara foram encontradas e entregues ao saudoso historiador Barão de Studart algumas ferramentas de mineração ruídas pela ferrugem, presumidamente contemporâneas da reconquista de Matias Beck."

Acha curioso Gustavo Barroso que ninguém mais deu atenção às minas de prata de Itarema (topônimo que em língua indígena significa "pedra de cheiro agradável", entre outras exegeses) e conclui: — "Um verdadeiro mistério paira sôbre essas minas."

Matias Beck, calvinista holandês, à frente de sua expedição, composta de cinco embarcações e 298 homens de que faziam parte 41 índios do Ceará, e negros escravos, e Jorris Garstman, que o antecedera, em 1637, a mandado de Maurício de Nassau para a conquista do litoral cearense, e os próprios portuguêses que antes dêles por aqui já andavam a existir "minerais ou metais", foram os primeiros a penetrar nas terras do atual município de Maranguape, cujo povoamento efetivo sòmente se iniciou nos primórdios do século dezoito, através da concessão de sesmarias.

OS PIONEIROS

Aos 12 de julho de 1707, o Capitão-Mor Gabriel da Silva Lago outorga terras ao Tenente Pedro Silva e Amaro Morais; aos 29 de dezembro de 1711, Francisco Duarte de Vasconcelos, Capitão-Mor, outorga terras a Jorge da Silva; em 1717, aos 17 de julho, é registrada sesmaria ao Capitão Soares de Oliveira, doada que lhe foi pelo Capitão-Mor Manuel da Fonseca Jaime e, posteriormente, em 1790, é o Capitão-Mor Luís da Mota Féo e Tôrres quem concede sesmaria a José Gonçalves Ferreira Ramos e a Felipe Lourenço.

JOAQUIM LOPES DE ABREU — O FUNDADOR DE MARANGUAPE

Entre os fundadores da Cidade de Maranguape sobressai-se o português Joaquim Lopes de Abreu, pôsto que, nos fins do século dezessete, já era êle possuidor de propriedades próximas à futura sede da Freguesia.

Os anos correram, e o arruado cresceu à margem esquerda do Riacho Pirapora (salto do peixe) e em derredor da capelinha, de logo construída para atender às necessidades religiosas de seus moradores; e, desde então, não sofreu qualquer descontinuidade, no tempo ou no espaço, o processo de nucleação demográfica de Maranguape, por duas causas grandemente favorecido: a fertilidade do solo e o fenômeno climático das sêcas, estas condicionando para ali a migração dos Estados circunvizinhos.

FATOS E EPISÓDIOS

A 26 de maio de 1881, realizou-se em Maranguape, aos olhos estarrecidos das autoridades imperiais, o 1.º Congresso Abolicionista do Brasil.

Do conclave participaram 126 membros, inclusive o famoso jangadeiro que consolidou o bloqueio do pôrto do Ceará aos cativos, Francisco José do Nascimento — o "Dragão do Mar". Os planos aí assentados foram valiosos e decisivos para a causa da Abolição, vitoriosa, no Município, a 20 de maio de 1888, antes da sanção do decreto.

Em 18 de agôsto de 1898, o povo de Maranguape levantou-se em pêso contra o projeto que visava à instituição do divórcio no Brasil, por considerá-lo, "depois do casamento civil (sic) o mais tremendo golpe na organização da família".

A Câmara Municipal, tendo como presidente Antônio Correia Filho, assim se manifestou, em telegrama dirigido ao Congresso e assinado pelos Vereadores João Correia de Melo, Manuel Herbster Filho, Raimundo Batista Ferreira Braga, Porfírio da Costa Ribeiro e o Intendente Afro Tavares Campos:

"A Câmara dêste Município de Maranguape, Estado do Ceará, testemunha presencial do pesar e santa indignação com que a totalidade de seus munícipes acolheu a notícia de que no seio dessa respeitável Assembléia se procura inserir no Código Civil a lei do divórcio, vem respeitosamente, usando do direito de representação que lhe confere a legislação vigente, manifestar os seus sentimentos a respeito do projeto e impetrar em nome desta corporação e do eleitorado dêste Município que não seja transformado em lei o projeto de divórcio que importa na desorganização da família brasileira, cujos sentimentos ortodoxos acatam, veneram e defendem a indissolubilidade perpétua quanto ao vínculo do casamento. Confiamos nos sentimentos altruístas e moralizadores dessa veneranda corporação que ainda uma vez patenteará de modo solene e inequívoco o acatamento que consagra a vontade do povo que os elegeu para seus representantes."

Maranguape forneceu alguns voluntários para a Guerra do Paraguai; e a 27 de junho de 1897 pereceu combatendo os fanáticos de Canudos o Tenente-Coronel Tristão Sucupira de Alencar Araripe, nascido em Santo Antônio do Pitaguari.

A implantação no Brasil do regime republicano teve num filho de Maranguape — Jaime Benévolo — firme sustentáculo, a ponto de ter-se dito que sem êle a República, naquele momento, talvez não fôsse realidade.

O movimento revolucionário que destruiu as oligarquias dominantes em diversos Estados da Federação, desde a Bahia até o Amazonas, salientando-se o Ceará, entre os que, então, ostentavam o mais perfeito modêlo oligárquico, no Govêrno do Marechal Hermes — refletiu-se em Maranguape, determinando a queda do 2.º Intendente Municipal, o Cel. Afro Tavares Campos, que administrava a Comuna há 16 anos.

Foi entre fins de 1911 e comêço de 1912. Dois anos depois, Maranguape permaneceu, por algum tempo, sob o domínio dos "romeiros" da chamada "Sedição de Juàzeiro".

ASPECTOS FÍSICOS

O Município de Maranguape acha-se ao nordeste do Estado do Ceará, e tem território altamente diferenciado.

Seus principais relevos são as Serras de Maranguape e Aratanha, uma fronteira à outra, formando um vale de 18 quilômetros, até se bifurcarem ao sul do Município.

A Serra de Maranguape, pertencente ao grupo central de montanhas que começa no NO de Fortaleza em distância de 30 quilômetros dela e 20 do litoral, tem o seu ponto culminante no pico denominado Rajada, a 920 metros de altitude. A da Aratanha, de forma triangular e bastante acidentada, atinge a sua altitude máxima no Monte Itarema e no cabeço do Ambuaçu, a 400 metros acima do nível do mar.

Têm ambas as duas serras formação granítica e representam (com a de Cauípe, inclusive) um tipo de paisagem particular, cujo caráter geral, abstraindo da vegetação tropical, assemelha-se muito ao das montanhas médias da Europa. Não possuem cumeada desenvolvida e têm uma infra-estrutura larga, sôbre a qual se assentam diversas serranias, separadas entre si por depressões e gargantas (Fried e Katzer).

Suas chapadas e faldas são excelentes para a fruticultura, cultivando-se a manga, a banana, a jaca, o abacate, a goiaba, e a lima em menor escala.

Possui a Serra de Maranguape, de cujas encostas brota água em vários pontos, entre numerosos córregos, dois pequenos rios — o Gavião e o Pirapora — que nascem em sua encosta oriental e correm paralelos, banhando a cidade e formando os chamados ipus, terrenos de barro escuro, ricos de húmus vegetal e animal, carreado da serra, e nos quais se fazem plantações de cana-de-açúcar.

Além das Serras de Maranguape e Aratanha, tem o Município mais as seguintes: Taquara, Quati, Gereraú e Correntes, ramificações da Serra de Maranguape.

Pitaguari, Limão, Lajes, Alegre, Serra Fria, S. Paulo, S. Vicente e Jubaia, ramificações da Serra da Aratanha.

Os serrotes mais importantes são: o Bicudo, no Cajueiro; o Japapara, no Trapiá; o Ôlho-d'Água, nos Tanques; o da Cachoeira, de Santa Helena das Lajes, o da Jubaia e o de Urucará.

As terras do Município são mais argilosas do que arenosas, sendo poucas as misturadas; e, no geral, pedregosas nas serras.

A vegetação possui poucas matas; alguns cerrados, muitas capoeiras e carrascais.

A cana-de-açúcar e o algodão são as principais riquezas de reino vegetal, pelo valor de sua produção industrial.

A cana-de-açúcar é cultivada no vale, notadamente na área de Sapupara, de terras humíferas. As culturas do feijão e do milho, da mandioca e do algodão são feitas nas partes altas e planas, ao norte e leste do Município.

Entre 1851-1852, a produção de café em Maranguape supria as necessidades locais e as da Província e ainda sobrava para a exportação.

Além de palmeiras, e de plantas colorantes e de vegetais oliferos, amiláceos e gomíferos, a Serra de Maranguape é particularmente rica de espécies medicinais (agrião, caapeba, mastruço, jurubeba, vassourinhas etc.).

Quanto à riqueza mineral registra-se a ocorrência de rutilo nas fazendas Lagoa do Juvenal, Avencas e Sapiranga, tôdas no Distrito de Itapebuçu (não exploradas); granito e gnaisse existem nas pedreiras de Maracanaú.

Entre as lagoas, destacam-se as de Jaçanaú e Jaú, Mingau, Maracanaú e Aracacuzinho, figurando, as três últimas, entre as lagoas mais importantes do Estado.

Finalmente, completam o aspecto hidrográfico do Município os Riachos Juá, Água Verde e Cruz e os Rios Jereraú e Tangueira, que entram (os dois últimos) nos Municípios de Parangaba e Fortaleza com o nome de Maranguapinho ou Maranguape; e 44 açudes, 4 particulares e 40 públicos, sobressaindo-se o Amanari, com capacidade

para 10 milhões de metros cúbicos. O Amanari possui 3 barragens e foi inaugurado em fevereiro de 1939.

Merece menção: o Açude Botija, com capacidade de 3.387.120; o Bragantino, com capacidade de 1.041.430; o Cesário, com capacidade de 511.480; o São Bento, e ainda, o Vavau, Ladeira Grande e Papara, mandados construir em 1878, 1888 e 1900, respectivamente.

A capacidade total dos açudes de Maranguape é de 60 milhões de metros cúbicos, aproximadamente.

Origem do nome Tangueira — Expressão derivada de Cangoeira, que quer dizer "caveira". Topônimo aplicado a um sítio de Maranguape.

Origem do nome Maranguapinho — Expressão derivada de Maranguape, nome da serra. Maranguape é nome tupi que substitui o topônimo mais antigo, Monte Li.

A Lei n.º 459, de 29 de agôsto de 1898, manda estudar a possibilidade de canalizar o Rio Cocó pelo Maranguapinho ou vice-versa.

FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA

O Distrito de Maranguape foi criado pela Provisão de 1.º de janeiro de 1760 e Ato Provincial de 18 de março de 1842.

Com território desmembrado do Município de Fortaleza, por efeito da Lei Provincial n.º 553, de 17 de novembro de 1851, que elevou a vila a Povoação de Maranguape, foi criado o município do mesmo nome.

A Vila de Maranguape recebeu foros de cidade em conseqüência da Lei Provincial n.º 1.282, de 28 de setembro de 1869.

No quadro da divisão administrativa do Brasil, concernente ao ano de 1911, o Município de Maranguape compõe-se dos Distritos de Maranguape, Tabatinga, Jubaia, Cruz e Palmeiras.

O Município de Maranguape figura nos quadros de apuração do Recenseamento Geral de 1.º-9-1920, com os Distritos de Maranguape, Maracanaú, Tabatinga, Jubaia, Cruz do Lajedo, Palmeiras e Gado dos Ferros.

Os Decretos Estaduais n.ºs 193, de 20 de maio de 1931, e 1.156, de 4 de dezembro de 1933, mantiveram o Município de Maranguape, que, na divisão administrativa referente a êsse último ano, se divide em 7 distritos: Maranguape, Cruz, Gado dos Ferros, Jubaia, Maracanaú, Palmeiras e Tabatinga, assim permanecendo nos quadros territoriais datados de 31-12-1936 e 31-12-1937, bem como no anexo ao Decreto-Lei Estadual n.º 169, de 31 de março de 1938, retificado pelo Decreto Estadual de n.º 387, de 20 de outubro do mesmo ano.

Pelo Decreto-Lei Estadual n.º 448, de 20 de dezembro de 1938, o Município de Maranguape adquiriu para o Distrito de Maracanaú parte do território do extinto Distrito de Rodolfo Teófilo, do Município de Fortaleza, figurando, no quadro territorial, que o citado Decreto-Lei n.º 448 fixou para vigorar no qüinqüênio 1939-1943, composto dos Distritos de Maranguape, Lajedo (ex-Cruz), Gado (ex-Gado dos Ferros), Jubaia, Maracanaú, Palmeiras, Pocinhos, Tabatinga e Tanques.

No quadro fixado pelo Decreto-Lei Estadual n.º 1.114, de 30 de dezembro de 1943, para vigorar no quinqüênio de 1944-1948, o Município de Maranguape tem os seguintes distritos: Maranguape, Amanari (ex-Pocinhos), Gado, Itapebuçu (ex-Lajedo), Jubaia, Maracanaú, Palmácia (ex-Palmeiras), Sapupara (ex-Tabatinga) e Tanques.

Pela Lei Estadual n.º 3.779, de 28 de agôsto de 1957, o Município de Maranguape perdeu os Distritos de Palmácia e Gado.

Segundo a divisão administrativa vigente, Maranguape é constituído de 7 Distritos: Maranguape (sede municipal), Amanari, Itapebuçu, Jubaia, Maracanaú, Sapupara e Tanques.

Nos têrmos da divisão territorial vigente (Lei n.º 4.437, de 30-12-1958), Maracanaú foi desmembrado de Maranguape e figura entre os novos municípios que só poderão ser instalados em 1964 (Emenda Constitucional n.º 1, de 27 de maio de 1957).

Entre os novos municípios do Ceará, figura o de Itapebuçu, desmembrado de Maranguape por fôrça da Lei n.º 6.328, de 6 de junho de 1963.

INTENDENTES DE MARANGUAPE

1 — Cel. Joaquim José de Sousa Sombra
2 — Afro Tavares Campos
3 — José Tavares Campos (1910-1911)
4 — Joaquim Correia Sombra (1912-1914)

PREFEITOS

1 — Manuel de Paula Cavalcante (1914-1918)
2 — Otávio Albino de Oliveira (1919-1920)
3 — Manuel Onulfo Câmara (1920-1923)
4 — João Oliveira Mota (1924-1925)
5 — Napoleão Leocádio de Lima (1925-1928)
6 — Otávio Albino de Oliveira (1928-1930)
7 — Dr. João Augusto Bezerra (out. 1930 - nov. 1933)

8 — José de Paula Costa (mar. 1934 - jul. 1934)
9 — Cap. Osimo de Alencar (jul. 1934 - jul. 1934)
10 — Dr. Aristóteles Canamari Ribeiro (ag. 1934 - ag. 1934)
11 — José de Paula Costa (out. 1934 - maio 1935)
12 — Manuel Severo Barbosa (jul. 1935 - fev. 1936)
13 — Raimundo Lopes Magalhães (fev. 1936 - jun. 1936)
14 — Paulo Campos Teles (jul. 1936 - maio 1938)
15 — João Facundo Barbosa (maio 1938 - fev. 1944)
16 — Dr. Almir dos Santos Pinto (fev. 1944 - dez. 1945)
17 — Walter Mendonça Lopes (dez. 1945 - abr. 1946)
18 — Dr. Almir dos Santos Pinto (maio 1946 - dez. 1946)
19 — Dr. Valdir Bezerra (jan. 1947 - fev. 1947)
20 — José Fernandes Vieira (fev. 1947 - jan. 1948)
21 — Humberto Correia Mota (jan. 1948 - mar. 1951)
22 — Antônio Marques de Abreu (mar. 1951 - mar. 1955)
23 — Humberto Correia Mota (mar. 1955 - mar. 1959)
24 — Antônio Botelho Câmara (mar. 1959 - mar. 1963)
25 — Paulo Afonso Cirino Nogueira (mar. 1963).

* * *

Em ordem cronológica foi Maranguape a 8.ª cidade do Ceará. Precederam-na: Fortaleza em 17 de março de 1823; Sobral em 12 de janeiro de 1841; Icó e Aracati em 25 de outubro de 1842; Crato em 17 de outubro de 1853; Quixeramobim em 14 de agôsto de 1856; Baturité em 9 de agôsto de 1858 e Russas em 9 de agôsto de 1859.

Nas eleições de 7 de outubro de 1962 votaram 10.415 eleitores dos 13.795 inscritos em todo o Município, sendo eleito Prefeito o Sr. Paulo Afonso Cirino Nogueira e Vice-Prefeito o Sr. Antônio Gomes Bessa.

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

A Câmara Municipal de Maranguape ficou assim constituída: pela UDN — José Gerardo Teixeira Coelho, Leonam Onofre Cavalcante de Lima, Miguel Botelho Câmara, Antônio Coelho da Silva, Dr. Alfredo Marques e Francisco de Paula Guimarães. Pelo PSD — Humberto Correia Mota, Antônio de Castro Valentim, Dr. Sebastião Fernandes Vieira, Francisco Edmar Pereira de Sousa, Manuel Abreu e José Coelho da Silva.

Dividido o Estado em 82 zonas, exatamente 854.070 eleitores poderiam ir às urnas no pleito de 7 de outubro de 1962.

Maranguape (5 seções) ocupa o 10.º lugar no quadro do eleitorado cearense, segundo os dados do Tribunal Regional Eleitoral.

			(Eleitores)
1	—	Fortaleza	143.505
2	—	Sobral	21.142
3	—	Quixadá	20.279
4	—	Juàzeiro do Norte	16.331
5	—	Limoeiro do Norte	15.279
6	—	Itapipoca	14.839
7	—	Crateús	14.713
8	—	Crato	14.196
9	—	Iguatu	13.989
10	—	MARANGUAPE	13.795

* * *

Na Câmara Estadual os Deputados Almir dos Santos Pinto e José Mário Barbosa defendem os interêsses do Município.

ORDEM E DEFESA PÚBLICAS

Existe em Maranguape absoluta segurança pública. Há repressão ao crime, quase não tendo relêvo, na Comuna, os aspectos negativos ou patológicos (natalidade ilegítima, desquites, suicídios etc.)

FORMAÇÃO ECLESIÁSTICA

A Lei n.º 485, de 4 de agôsto de 1849, assinada pelo Presidente Fausto Aguiar, extinguiu a Freguesia de Messejana, transferindo-se sua sede para a Povoação de Maranguape.

Então, foi a capela desta última erigida em Matriz, consagrada a Nossa Senhora da Penha, sob os auspícios do Pe. Pedro Antunes de Alencar Rodovalho, que, Vigário de Messejana, também fôra removido para a nova sede paroquial.

Acometido de *colera-morbus*, retirou-se em 1862 para Fortaleza, onde faleceu, sendo substituído pelo Pe. Galindo Firmo da Silveira Cavalcante, como pró-pároco. O substituto efetivo foi o Pe. Francisco Sales de Oliveira Bastos, nomeado a 11 de outubro de 1862, tendo aí permanecido até 16 de outubro de 1872 e ficando, na sua ausência, gerindo a Paróquia o Pe. José Maria Conde.

A PRIMEIRA CAPELA

A primitiva capela de Nossa Senhora da Penha era situada no Alto da Vila, hoje Bairro Outra Banda, a qual, achando-se em ruína,

foi demolida para ser construída uma nova, que não passou dos alicerces. Quando se aventou a idéia da construção da atual Matriz, sob a invocação de São Sebastião, houve divergência, quanto à escolha do local, entre os habitantes de Outra Banda e os da outra parte da Vila, resultando daí ser erigida no lugar em que hoje se acha. A Matriz é um prédio vasto (88 palmos de frente por 170 de comprimento, sem incluir o Presbitério), bem ornamentada e tem ao lado linda capela de N.S. de Fátima, inaugurada, por entre festejos, aos 13 de outubro de 1942.

Subordinadas ao Arcebispado de Fortaleza, está o Município dividido em 3 paróquias: a da Sede, na Matriz de Nossa Senhora da Penha; a da Vila de Itapebuçu, na Igreja de São Miguel; e da Vila de Maracanaú, na Igreja de São José.

A Paróquia de Nossa Senhora da Penha foi fundada a 4 de agôsto de 1849; a de São Miguel a 20 de abril de 1939; e a de São José a 2 de janeiro de 1952. Compreendem, ao todo, 26 capelas: 11 na Sede; 9 em Itapebuçu e 6 em Maracanaú, além das matrizes correspondentes, assistidas por 7 sacerdotes.

ASSOCIAÇÕES PIAS

Existem na sede, em plena atividade, 10 associações pias, das quais as mais antigas são: o Apostolado da Oração, criado em 1851, a Associação de São Vicente de Paulo, fundada a 1.º de janeiro de 1888, e a Associação das Senhoras de Caridade, fundada em 1895.

CULTO PROTESTANTE

O culto protestante tem duas unidades religiosas, na cidade: a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, fundada em 1944, e a Igreja Batista (filiada aos Batistas Regulares) e 5 templos: 2 no Parque Iracema e 3 outros distribuídos no Município (Maracanaú, Amanari e Mucunã), os quais são dirigidos por 1 diácono, 1 presbítero, 3 pastôres e 1 evangelista. Em Piroá, Lajes e Queimadas o culto protestante realiza-se em salões.

CENTROS ESPÍRITAS

Há 2 centros espíritas situados na Vila de Itapebuçu e no Sítio Bragantino, além de um Centro Esotérico Assala, de caráter filosófico.

* * *

Segundo o Recenseamento Geral, em 1950, a população do Município de Maranguape assim se dividia quanto à religião professada: católicos romanos: 41.065; protestantes, 344; espíritas, 21; sem religião 85; e sem declaração 70.

DOIS PADROEIROS

Das nossas cidades e vilas foi Maranguape a que mais sofreu os horrores da cólera. Era, na época, uma vila de 1.000 habitantes e davam-se 60 óbitos diários! O povo, aterrado, fugia em massa, e não havia quem quisesse enterrar os defuntos, mesmo a bom preço. A cólera em Maranguape vitimou mais de 2.000 pessoas.

Outras epidemias, como a da febre amarela e a de varíola (1851--1858), castigaram rudemente Maranguape, ceifando vidas.

Advêm dêsses fatos as homenagens ao mártir São Sebastião, intrìnsecamente vinculadas à tradição da Cidade e do Município.

A Freguesia de Maranguape tem assim dois padroeiros: um de fato — N. S. da Penha; e outro — São Sebastião — tomado pelo povo.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA

O têrmo judiciário de Maranguape foi criado pelo Ato Provincial de 25 de julho de 1860, fazendo parte da Comarca de Fortaleza.

A Lei Provincial n.º 1.492, de 16 de dezembro de 1872, criou a Comarca de Maranguape, compreendendo o têrmo da Sede, e os de Pacatuba, Messejana e Soure, hoje Caucaia.

A instalação da nova Comarca deu-se com o Ato de 4 de fevereiro de 1874, do Presidente da Província, aprovado pelo Aviso de 13 de abril do mesmo ano, do Ministro da Justiça.

Nos quadros da divìsão territorial, datados de 31-12-1936 e 31-12-1937, bem como no anexo ao Decreto-Lei Estadual n.º 169, de 31 de março de 1938, retificado pelo Decreto Estadual n.º 378, de 20 de outubro do mesmo ano, o Município de Maranguape é têrmo judiciário da comarca dêsse nome.

A Comarca de Maranguape compreende três têrmos judiciários constituídos pelos Municípios de Maranguape, Canindé e Pacatuba, nos quadros territoriais em vigor nos quinqüênios 1939-1943 e 1944--1948, e fixados, respectivamente, pelos Decretos-Leis Estaduais n.ºs 448, de 20 de dezembro de 1938, e 1.114, de 30 de dezembro de 1943.

Pelo Decreto-Lei Estadual n.º 213, de 9 de junho de 1948, os têrmos judiciários de Canindé e Pacatuba desligaram-se da Comarca de Maranguape, passando esta a constituir-se apenas têrmo judiciário do seu próprio nome.

O primeiro Juiz de Direito nomeado para Maranguape foi o Dr. João Salomé Queiroga, que faleceu antes de assumir as funções do cargo. Em seguida foi removido para aí o Dr. Américo Militão de Freitas Guimarães, que era Juiz de Direito de Icó.

ORGANIZAÇÃO JUDICIÁRIA

Maranguape é Comarca de terceira entrância

CARTÓRIOS

A Comarca de Maranguape é servida por 8 cartórios, que estão assim distribuídos:

1 — CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO — Distrito da Sede — (nascimentos, casamentos, óbitos, tabelionato, escrivania civil, escrivania-crime, outros registros públicos, protestos de títulos) — Lúcia de Oliveira e Silva.

2 — CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL — Distrito de Amanari — (nascimentos, casamentos e óbitos) — Maria Edite Diniz Andrade.

3 — CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL — Distrito de Itapebuçu — (nascimentos, casamentos e óbitos) — Maria Aleuda da Nóbrega Cavalcante.

4 — CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL — Distrito de Jubaia — (nascimentos, casamentos e óbitos) — Maria Aziza Ferreira de Castro.

5 — CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL — Distrito de Maracanaú — (nascimentos, casamentos e óbitos) — Genciano Guerreiro de Brito.

6 — CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL — Distrito de Sapupara — (nascimentos, casamentos e óbitos) — João Aurino de Alencar.

7 — CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL — Distrito de Tanques — (nascimentos, casamentos e óbitos) — Fausto Ribeiro Pessoa.

8 — CARTÓRIO DO 2.º OFÍCIO — Distrito da Sede — (tabelionato, escrivania civil, escrivania-crime, registro de imóveis, registro de títulos e documentos, outros registros públicos, protestos de títulos) — Maria das Dores Colares de Paula.

JUÍZES DE DIREITO DE MARANGUAPE

1 — Dr. João Salomé Queiroga
2 — Dr. Américo Militão de Freitas Guimarães
3 — Dr. Correia de Araújo
4 — Dr. João Hercano Alves Maciel
5 — Dr. Firmo de Sabóia

6 — Dr. Emiliano José Rodrigues
7 — Dr. Antônio Frederico Rodrigues de Andrade
8 — Dr. José Moreira da Rocha
9 — Dr. Francisco Joaquim da Rocha
10 — Dr. Felismino Noberto da Costa
11 — Dr. Pedro Paula da Silva Moura
12 — Dr. Oscar Bandeira Lima Coutinho
13 — Dr. Josias Sisnando de Lima
14 — Dr. Joaquim Arelano Bandeira Barros
15 — Dr. Manuel Joaquim Santana
16 — Dr. Luís Gonzaga Bezerra
17 — Dr. Reinaldo Alves de Sousa
18 — Drª. Auri Moura Costa
19 — Dr. Renato Silva (atual).

ALTITUDE, CLIMA E DISTÂNCIAS

Pertence o Município de Maranguape à Zona de Baturité, uma das 12 regiões fisiográficas em que o Estado se divide. Limita ao Norte com os Municípios de Caucaia e Fortaleza, a Leste e ao Sul com os Municípios de Pacatuba e Palmácia e a Oeste com os Municípios de Caridade e Pentecoste.

Dista da Capital do Estado 23 km, em linha reta, na direção 51º 9' S.O. e 29,8 km por via ferroviária; 27 km por via rodoviária.

Possui as seguintes coordenadas geográficas: 3º 53' 32" de latitude Sul e 38º 40' 58" de longitude W. Gr. Sua altitude, acima do nível do mar oceânico, é de 66 metros.

A área terrestre total do município é de 754 km2, parte da qual sôbre a Serra da Aratanha. Figura em 67.º lugar em relação à superfície das 142 comunas cearenses.

O clima é variável; úmido e frio no inverno, quente e sêco no verão; muito ameno na zona serrana. As precipitações pluviométricas ocorrem entre janeiro e junho, e são da ordem de 913 milímetros.

A localização do Município permite beneficiar-se da energia de Paulo Afonso (CHESF).

Maranguape é a 3.ª cidade mais próxima da Capital do Estado, em linha reta, e ocupa o 2.º lugar, por via rodoviária. A rodovia Fortaleza-Maranguape é pavimentada a paralelepípedo em tôda a sua extensão. Em futuro próximo, a Cidade estará ligada a Canindé por estrada asfaltada, cujas obras já atingem as proximidades de Amanari.

O ramal da Estrada de Ferro de Baturité da Rêde de Viação Cearense, que liga Maranguape à Capital do Estado, parte de Mara-

canaú no quilômetro 20.800, medindo o ramal 7km300, numa distância total de Fortaleza de 28km100. A Estação da R.V.C. foi inaugurada a 14 de janeiro de 1875.

Existem em pleno funcionamento duas emprêsas de ônibus — a Emprêsa São Paulo e a Emprêsa Viação Maranguape, para transportes de passageiros com o itinerário — Maranguape-Fortaleza, e outras linhas regulares de caminhões e ônibus de transporte misto, com apreciável densidade de tráfego. É de 60 minutos o tempo médio do percurso, em ônibus, de Maranguape a Fortaleza.

A praça possui 21 carros de aluguer (19 jipes e 2 automóveis de passageiros), que são servidos por 6 oficinas de reparos. 2 oficinas com compressores de ar; 4 bombas de gasolina e 2 de óleo combustível. Em 1962, foram emplacados pelo Serviço de Trânsito: 59 automóveis de passageiros, 148 jipes, 360 caminhões, 179 camionetas e 12 ônibus.

AGÊNCIAS POSTAIS

Como meios de comunicações conta Maranguape com uma agência postal-telegráfica do Departamento dos Correios e Telégrafos, e outra da Estação Ferroviária da Rêde de Viação Cearense, esta de uso privativo daquela Repartição. A Agência Postal do D.C.T. de Maranguape foi criada a 28 de agôsto de 1886 e instalada a 8 de setembro do mesmo ano. As Vilas de Maracanaú, Amanari e Itapebuçu são dotadas de Agências Postais do D.C.T., bem como a Colônia Antônio Justa.

TELEFONES

Conta Maranguape com uma rêde telefônica de uso público, inaugurada a 26 de abril de 1959, atualmente com mais de 400 aparelhos instalados, que ligam a Cidade à Capital do Estado e aos Distritos de Maracanaú, Sapupara, Jubaia, Amanari e Itapebuçu, da própria Comuna.

MEIOS DE TRANSPORTE

As ligações do Município com as localidades vizinhas e a Capital Federal se fazem pelos seguintes meios:

CANINDÉ — Rodoviário: 104 km.
CAUCAIA — Rodoviário (via Fortaleza): 32 km e (via Mirambé): 22 km.

PACATUBA — Ferroviário: 20 km e Rodoviário: 13 km.
PACOTI — Rodoviário: 68 km.
PENTECOSTE — Rodoviário (via Fortaleza): 116 km.
REDENÇÃO — Misto: a) Ferroviário (até Acarape): 52 km e b) Rodoviário (via Ôlho-d'Água): 52 km.
PALMÁCIA — Rodoviário: 49 km.
CAPITAL FEDERAL — Via Fortaleza, já descrita. Daí ao DF: 1) Rodoviário (via Feira de Santana; BA, 2.772 km; 2) Aéreo: 1.600 km.

DISTÂNCIAS DA CIDADE ÀS SEDES DISTRITAIS

São as seguintes as distâncias de Maranguape às respectivas sedes distritais:

MARACANAÚ — 11 km.
SAPUPARA — 8 km.
JUBAIA — 25 km.
AMANARI — 30 km.
ITAPEBUÇU — 39 km.
TANQUES — 33 km.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

Na data do Recenseamento Geral de 1950, a população do Município de Maranguape era de 41.585 habitantes, com a seguinte composição — homens: 20.729; mulheres: 20.856; brancos — 36.260 (18.048 homens e 18.212 mulheres); pretos — 5.194 (2.632 homens e 2.562 mulheres); pardos — 28 (12 homens e 16 mulheres); 1 (homem) amarelo, e, sem declaração de côr — 102 (37 homens e 65 mulheres), sendo, então, classificado em 7.º lugar entre os municípios do interior do Estado de maior densidade demográfica, com 46,20 habitantes por quilômetro quadrado. E vale salientar que, entre os poucos municípios cearenses em que a existência de brancos constitui número à soma das demais côres, Maranguape ocupa lugar de destaque, sendo o de maior índice de brancos em todo o Estado do Ceará.

A população atual do Município (Censo Geral do Brasil — 1960) é de 46.205 habitantes, que se distribuem em 7 distritos, da seguinte forma:

	Distrito	Pop. Total	Pop. da Sede
1 —	Maranguape	12.269	8.715
2 —	Maracanaú	10.141	4.296
3 —	Itapebuçu	7.817	1.333

4	—	Sapupara	5.055	1.002
5	—	Jubaia	5.520	894
6	—	Amanari	3.165	983
7	—	Tanques	2.211	355

Possuindo um efetivo demográfico de 46.205 habitantes, tem Maranguape uma densidade demográfica de 61,28 habitantes por quilômetro quadrado, e situa-se entre os 20 municípios mais populosos do Ceará, que são:

	(Hab.)
Fortaleza	514.818
Quixadá	81.682
Itapipoca	79.663
Sobral	73.616
Juàzeiro do Norte	68.494
Crato	59.464
Acaraú	55.385
Quixeramobim	52.341
Iguatu	51.570
Maranguape	46.205
Caucaia	42.572
Crateús	41.491
Aracati	41.370
Morada Nova	38.616
Canindé	37.672
Ipu	37.144
São Benedito	35.760
Icó	34.976

Maranguape é o 10.º município em população no Estado do Ceará.

INCREMENTO DEMOGRÁFICO

No período de 1.º de julho de 1950 a 1.º de setembro de 1960, a população de Maranguape cresceu de 10.148 pessoas, descontadas as populações das áreas perdidas (Gado e Palmácia). O aumento relativo ao período mencionado foi de 3%, aproximadamente. O maior incremento demográfico verificou-se no Distrito de Maracanaú, que passou de 4.820 para 10.141 habitantes, seguido do Distrito de Jubaia, de 2.986 para 5.520, e do Distrito de Itapebuçu, de 6.507 para 7.817.

Em 1940, a população de Tanques era de 4.331 habitantes e aos Censos de 1950-60 foi presente com 3.180 e 2.211, respectivamente.

As aglomerações urbanas do Município somam 17.598 habitantes, registrando-se uma densidade demográfica de 18,86, na sede municipal.

Os efetivos demográficos de Maranguape equivalem a 1,36% sôbre a população total do Estado.

Em 1962, foram registrados 761 óbitos (422 de menores de um ano) e realizaram-se 1.095 casamentos (561 no civil, 534 no religioso).

PRÉDIOS DOMICILIARES

Contam-se, ao todo, 7.948 prédios domiciliares e é apreciável a população do Município considerada ativa.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

É na agricultura que demora a parte mais relevante da economia maranguapense. Em sua exploração vamos por isso encontrar a maior fonte de riqueza e o mais destacado fator do engrandecimento das arrecadações municipais.

Os seus produtos agrícolas principais são a cana-de-açúcar, o feijão, o arroz e o milho, a fruticultura e sobretudo o algodão, em cujos ramos, inclusive a pecuária e silvicultura, se acham concentrados perto de 80% da população ativa do Município, correspondendo aos habitantes de 10 anos e mais.

Vale salientar que o algodão cearense é considerado o melhor produto, inigualado e preferido em todos os mercados mundiais, não apenas pela preciosa fibra que oferece, na extensão e resistência inatingidas em outros países cultivadores da riquíssima planta, como porque no Ceará existem as condições naturais do terreno que a ciência não conseguiu ainda transportar, apesar do seu grande e reconhecido poder.

O Nordeste destaca-se das demais regiões algodoeiras do País pela peculiaridade de produzir, além do algodão herbáceo, uma outra variedade — a arbórea, mais conhecida por mocó, e que constitui a espécie mais difundida na região.

Os produtos agrícolas do Município de Maranguape são transportados em grande parte para a Capital do Estado, principal mercado comprador.

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

A indústria de transformação constitui importante atividade no Município de Maranguape e é representada pelo beneficiamento de algodão, fabricação de tecidos, extração de óleos e gorduras vegetais.

Funcionam no Município: 6 usinas de beneficiamento de algodão; 1 usina de óleos e gorduras vegetais; 6 serviços de energia elétrica; 1 fábrica de fogos juninos; 2 sapatarias; 2 fábricas de lingüiça; 3 matadouros; 7 olarias; 1 pedreira; 2 movelarias; 8 padarias; 16 fábricas de aguardente; 2 fábricas de beneficiamento de arroz; 52 casas de farinha; 1 fábrica de fubá de milho; 1 moageira de café; 6 fábricas (domésticas) de queijo e manteiga e 16 engenhos de rapadura.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

De acôrdo com dados colhidos junto ao I.B.G.E., Maranguape produziu em 1962: 2.100.000 cachos de BANANA; 371.900 arrôbas de algodão arbóreo e herbáceo; 76.000 toneladas de CANA-DE-AÇÚCAR; 229.000 centos de MANGA; 46.000 sacos de FEIJÃO; 30.000 sacos de ARROZ; 64.000 sacos de MILHO; 13.200 centos de ABACATE; 46.000 centos de LARANJA; 7.400 centos de TANGERINA; 4.000 toneladas de MANDIOCA BRAVA; 1.100 toneladas de BATATA-DOCE; 850.000 litros de AGUARDENTE DE CANA; 380.000 quilos de RAPADURA; 4.000 sacos de FARINHA DE MANDIOCA; 200 sacos de GOMA DE MANDIOCA; 1.450.000 litros de LEITE; 24.000 quilos de QUEIJO; 10.500 quilos de MANTEIGA. Maranguape é o 2.º centro produtor de aguardente do Estado.

PREVISÃO DE SAFRAS

O Serviço de Estatística do Departamento de Expansão Econômica do Ceará apresenta, para a safra 1963-64, no que concerne a Maranguape, a estimativa seguinte:

ALGODÃO EM CAROÇO (mocó e herbáceo): 6.000.000 de quilos; ALGODÃO EM PLUMA: 80.000 toneladas; COUROS DE BOI: 4.300 unidades; PELES DOMÉSTICAS: 2.800 unidades; CÊRA DE CARNAÚBA: 8.000 quilos; MAMONA: 63.000 quilos; OITICICA: 15.000 quilos; FEIJÃO: 2.800.000 quilos; FARINHA DE MANDIOCA: 300.000 quilos; MILHO: 4.000.000 de quilos; ARROZ EM CASCA: 1.650.000 quilos.

POSIÇÃO DE MARANGUAPE

Entre os municípios cearenses, ocupa Maranguape o 1.º lugar como produtor de algodão. A posição do Município foi a seguinte, na safra correspondente ao período 1961/62:

	Municípios	Alg. em caroço (kg)	Alg. em pluma (kg)
1	— Maranguape	11.960,636	3.612,808
2	— Senador Pompeu	11.192,780	3.402,340
3	— Juàzeiro do Norte	10.817,852	3.171,999
4	— Orós	10.414,147	3.119,813
5	— Crato	10.380,588	3.376,355
6	— Sobral	10.209,689	3.458,046
7	— Quixadá	9.482,932	2.806,891
8	— Iguatu	8.782,651	2.626,921
9	— Quixeramobim	8.736,800	2.733,312
10	— Acopiara	8.047,994	2.473,587

Tanto a agricultura como a pecuária no Município de Maranguape são estimuladas por várias organizações governamentais de fomento, tais como a Estação de Fruticultura de Santo Antônio do Pitaguari e o Hôrto Florestal de Santo Antônio, ambos localizados em Maracanaú; a Sede da 1.ª Região Agrícola, o Hôrto Florestal Severo Barbosa, o Subposto de Defesa Agrícola e o Pôsto de Vigilância Sanitária Animal, todos situados na Sede Municipal, além da União das Classes Produtoras de Maranguape, e da Associação Rural de Maranguape.

Quatro agrônomos proporcionam assistência técnico-profissional aos agricultores e criadores de Maranguape.

PECUÁRIA

Embora o Município de Maranguape seja reconhecidamente agrícola, a pecuária é mais ou menos desenvolvida, aproximando-se a população bovina das 12.000 cabeças, existindo cêrca de 6.000 asininos, 2.500 muares, 4.200 eqüinos, 6.500 suínos, 6.500 ovinos e 7.000 caprinos.

PRODUÇÃO DE CARNE

Em 1962, foram abatidas 1.707 cabeças de boi e 2.215 de vaca; 2.340 suínos, 990 ovinos e 1.502 caprinos, totalizando 337 toneladas de carne verde de bovino, 94 de suíno e 82 toneladas de toucinho fresco.

PLANTEL AVÍCOLA

O plantel avícola contava em 31 de dezembro de 1961 com 67.900 aves domésticas (galinhas, perus e palmípedes).

Em 1962, o plantel avícola era aproximadamente o mesmo. Predominavam as galinhas com 95% dos efetivos.

A produção de ovos de galinha situava-se em tôrno de 150.000 dúzias, no valor de Cr$ 18.000.000.00.

PESCADO

O Ceará é o maior produtor de pescado da região nordestina, com uma produção de aproximadamente 1.000.000 de quilos anuais.

Em 1962, o aumento da produção foi de 15,8% sôbre a de 1961.

No Município de Maranguape a pesca costuma ser feita em açudes, mantendo o D.N.O.C.S. nas proximidades da Vila de Amanari um bem instalado pôsto de piscicultura. As principais espécies de pescado são Curimatã, Traíra, Cará e Piau.

A produção do pescado em todo o Município foi de 184.700 kg, inclusive 22.583 kg de Amanari, no valor de quase Cr$ 9.000.000,00.

PRODUÇÃO EXTRATIVA

É de pequeno vulto e compreende a produção de carvão e de madeiras para construção, além de castanhas de caju, babaçu, mel e cêra de abelhas e animais silvestres.

LOUÇAS DE BARRO

No 2.º semestre, foram produzidas 12.440 unidades de louças de barro (panelas, pratos, jarros etc.). que são expostas à venda nos dias de feira.

ARTESANATO DO VESTUÁRIO

O artesanato do vestuário, máxime o de bordado, é largamente exercitado no Município de Maranguape, e têm desvanecedora aceitação em tôdas as praças do Sul do País os labirintos e bordados do Ceará.

Nessa atividade, que apresenta caráter econômico-específico, ocupam-se cêrca de 6.000 bordadeiras.

De acôrdo com dados colhidos junto ao I.B.G.E., foram produzidas, em 1962, 3.480.000 peças, compreendendo camisolas, vestidinhos, blusas, combinações, toalhas, guardanapos, anáguas etc., no valor de milhões de cruzeiros.

Recentemente, foi fundada a Cooperativa das Bordadeiras de Maranguape.

A Paróquia tem dado à classe a melhor assistência, visando à dignificação do trabalho pela sua melhor remuneração.

PROPRIEDADES RURAIS

De acôrdo com o Censo Agrícola de 1960, ocupam as propriedades agrícolas do Município de Maranguape pouco mais de 50.000 hectares, dos quais 8.299 servindo a culturas permanentes (laranja, banana, cana-de-açúcar etc.) e culturas temporárias (milho, arroz, feijão etc.).

Existem no Município 528 propriedades rurais; 117 com menos de 10 hectares; 294 com menos de 100 hectares; 109 com menos de 1.000 hectares e 8 com menos de 10.000 hectares.

Não há latifúndios, e aproxima-se de 700 mil hectares a área do Município destinada à agricultura.

COMÉRCIO E FINANÇAS PÚBLICAS

Maranguape possui comércio caracteristicamente ativo, que se faz através de mais de 70 estabelecimentos varejistas e 6 atacadistas, na Sede Municipal. Segundo dados do I.B.G.E., havia, em 1962, em todo o Município, 268 estabelecimentos que efetuaram vendas mercantis no valor de Cr$ 82.000.000,00, aproximadamente, situando Maranguape entre as principais praças comerciais.

As Cidades de Pentecoste, Canindé, Pacoti, Boa Viagem, Quixeramobim, Fortaleza, Recife, São Paulo e Guanabara são os centros com os quais realiza Maranguape o maior número de transações comerciais. Importa, sobretudo, tecidos, medicamentos, miudezas em geral, utensílios domésticos e outras mercadorias.

Exporta algodão em pluma, óleos vegetais, tecidos de sua fabricação e bordados, cêra de carnaúba, mamona, aguardente de cana, peles e couros, cereais, frutas etc.

FINANÇAS PÚBLICAS

A receita municipal, em 1962, foi de Cr$ 40.968.567,00 e a de 1963 está orçada em Cr$ 85.717.000,00, sendo as seguintes as principais contas em que se decompõe a renda tributária:

	Cr$
Impôsto Territorial	600.000,00
Impôsto Predial	1.500.000,00
Impôsto de Transmissão "inter vivos"	4.000.000,00
Impôsto s/Indústrias e Profissões	9.000.000,00
Impôsto de Licenças	500.000,00
Impôsto do Sêlo	200.000,00
Renda Ser. Fom. à Produção	1.000.000,00
Taxas	460.000,00
TOTAL DA RECEITA TRIBUTÁRIA	17.269.000,00

Em 1962, o Estado arrecadou, por sua vez, Cr$ 81.695.647,40 e a União Cr$ 9.515.934,20.

MOVIMENTO BANCÁRIO

Funcionam em Maranguape uma Agência do Banco do Brasil S.A. e 2 cooperativas de crédito — a Cooperativa Agrícola Mista de Maranguape e a Cooperativa de Crédito Agrícola de Maranguape Ltda., cujo saldo, a 31 de dezembro de 1962, das contas de maior expressão, assim se discriminava:

	Cr$
Caixa em Moeda Corrente	6.375.981,00
Empréstimo s/Penhor Agrícola	16.754.755,50
Títulos Descontados	6.261.500,00
Depósitos Populares	28.393.358,60
Depósitos sem Limite	5.785.783,10
Depósitos a Prazo Fixo	1.141.037,40

A Cooperativa de Crédito Agrícola de Maranguape Ltda. tem 1.433 associados e capital integralizado de 38,9 milhões de cruzeiros, e efetuou, no supracitado exercício, 3.805 operações, num total de Cr$ 312.963.020,00.

Em dezembro de 1962, a Cooperativa Agrícola Mista de Maranguape (fundada em 1959) possuía 29,2 milhões de cruzeiros, como capital subscrito, dos quais 22,6 milhões integralizados. Nesse exercício (1962) emprestou 39,5 milhões de cruzeiros e aumentou de 440 para 820 o número de associados.

Tanto a Cooperativa Agrícola Mista de Maranguape como a Cooperativa de Crédito Agrícola de Maranguape Ltda., muito têm contribuído para o desenvolvimento da agricultura local.

AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL

A Agência do Banco do Brasil S.A. efetuou, em 1962, empréstimos no total de Cr$ 1.141.419.000,00 para o desenvolvimento das atividades industriais de Maranguape e financiamentos para a agricultura, pecuária etc., assim distribuídos:

	Cr$
Empréstimos Agrícolas	225.022.000,00
Empréstimos Industriais	94.933.000,00
Empréstimos Pecuários	70.129.000,00
Empréstimos Fundiários	1.780.000,00
Comércio e Indústria	719.555.000,00

IMPÔSTO TERRITORIAL RURAL

O Município arrecadou, em 1960, Cr$ 172.000,00 de impôsto territorial rural.

OBRAS

Entre as obras concluídas recentemente, destaca-se a instalação, em 1962, do Sistema Elétrico da Cidade de Maranguape, dirigido por uma sociedade de economia mista — Cia. de Melhoramentos de Maranguape, com capital de 25 milhões de cruzeiros.

INSTRUÇÃO PÚBLICA E ENSINO

Enquanto se aguarda a divulgação completa dos dados do Censo Demográfico, pode-se estimar que, atualmente, a percentagem de pessoas alfabetizadas no Município de Maranguape seja superior a 46% (cálculo sôbre o total de pessoas de 10 anos e mais), o que o coloca em posição de relêvo no quadro estadual.

PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR

O primeiro grupo escolar de Maranguape fundou-se a 21 de julho de 1916. Recebeu o nome de Grupo Escolar Benjamim Barroso, em homenagem ao ex-Presidente do Estado, Cel. Benjamim Liberato

Barroso. Funcionou no Sobrado das Correias, na Praça da Matriz, e teve como sua primeira diretora a Sra. d. Cândida Vieira Cavalcante, que foi empossada no cargo pelo Pe. Francisco Rosa, Inspetor Escolar do Município.

O Grupo Escolar Benjamim Barroso funcionou, de início, com 5 classes, que foram dirigidas pelas Professôras Alice Chaves, Maria Leonese de Sousa Brasil, Isabel Amélia Pereira, Lídia de Pontes Vieira e Emília Vieira.

A partir de 1933, o Grupo Benjamim Barroso tomou o nome de Grupo Escolar Capistrano de Abreu, data na qual foi feita solene aposição do retrato dêsse ilustre filho de Maranguape, no Salão Nobre do Grupo, presentes, entre outros, o Dr. Pedro Paula da Silva Moura, Juiz de Direito, Manuel de Paula Cavalcante, Prefeito Municipal, Cel. Antônio Botelho, Deputado Estadual, Pe. Joaquim Rosa, Vigário, Mons. Vicente Salazar, Cônego Henrique Raulino Mourão e Dr. Faustino de Albuquerque, Juiz Substituto.

ENSINO PRIMÁRIO

Existem em atividade em todo o Município de Maranguape 143 unidades escolares, das quais 93 se destinam ao ensino primário fundamental comum, com matrícula de 7.244 alunos no início do ano letivo de 1962.

O ensino primário em Maranguape conta com 188 professôres: 106 estaduais, 55 municipais e 27 particulares. O ensino complementar dispõe de 5 unidades com igual número de professôres e cêrca de 160 alunos. Ao todo, tem Maranguape 5 grupos escolares: 3 na Cidade e os outros nas sedes distritais, além de 3 escolas reunidas, 3 do SENAC e 1 escola do SESI.

ENSINO NÃO PRIMÁRIO

O ensino extraprimário é bem difundido, sendo ministrado em Maranguape pelo Ginásio Anchieta (estadual) — 179 alunos matriculados; e pelo Instituto Santa Rita (ginasial e normal).

Dirigido pelas Irmãs do Amparo, o Instituto Santa Rita tem direção enérgica e serena, resultando daí o seu inabalável conceito na obra que, há mais de 20 anos, vem realizando no aprimoramento da inteligência e formação da mocidade.

No corrente ano, sua matrícula é de 307 alunas, entre internas e externas.

Conta ainda Maranguape com uma escola técnica de comércio — com 102 alunos matriculados.

ENSINO TÉCNICO-PROFISSIONAL

É de destacar-se a Escola de Artes Industriais (na Sede) e os cursos de Artes e Ofícios do Instituto Carneiro de Mendonça (para menores) e que mantém atividades de iniciação agrícola, inclusive com viveiros de mudas frutícolas para distribuição gratuita.

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS

Município antigo, de população progressista, Maranguape registra certo destaque na sua vida cultural, independente da parte relativa à instrução. Na cidade funcionam a amplificadora "Voz da Liberdade" e a Rádio Iracema de Maranguape (ZYH-33, 1.580 kc, ondas médias, fundada em 1959), com seleto corpo de colaboradores, e que se destaca por seus movimentados programas, noticiosos e recreativos. Há diversas bibliotecas particulares e de grupos escolares e colégios, com mais de 3.100 volumes catalogados, de caráter geral. No âmbito recreativo e desportivo, conta Maranguape (na Sede) com o Teatro Paroquial, com capacidade para 700 pessoas; com o Cine Maranguape, com lotação para 800 espectadores, e com o Maranguape Clube e o Maranguape Futebol Clube. No orçamento municipal de 1963 acha-se consignada verba de 600 mil cruzeiros para a instalação da Biblioteca Municipal Capistrano de Abreu.

PERIÓDICOS DA IMPRENSA

Depois do Crato e Aracati, figura Maranguape entre os municípios cearenses que maior número tem tido de periódicos da imprensa, todos de vida instável e efêmera.

O periodismo em Maranguape foi iniciado em 1874 com o "Maranguapense"; e citam-se entre os jornais que circularam:

BENTEVI — jornalzinho crítico publicado em 1885. Só saiu um número e com a 4.ª página em branco. Publicado por João Correia Sobrinho.

CALOR — jornalzinho crítico e charadístico publicado em 5-6-1898. Redatores: José Júlio Gomes da Costa e Francisco Conde. Publicação aos domingos e quartas-feiras.

CONVENÇÃO (A) — jornal político e noticioso. Saiu um número a 8 de janeiro de 1910, em homenagem ao Cel. Afro Tavares Campos, chefe do Partido Republicano em Maranguape.

DIQUE — jornalzinho publicado em 1885.

DOUTRINA DE JESUS — (1902).

EQUADOR (O) — jornalzinho publicado na Rua Major Agostinho n.º 38, sob a direção de Alfredo de Oliveira e gerência de Raimundo Herbster. O 1.º número é de 15 de março de 1896.

EVOLUÇÃO (A) — jornalzinho literário, comercial e noticioso, publicado a 8 de junho de 1902, sob a direção de A. Baima. O artigo de apresentação é da pena de José Castelar Sombra.

FLAUTA (A) — jornalzinho publicado (me ceda diz êle) a 13 de março de 1904.

GLOBO (O) — publicado em 1887. Periódico crítico, literário e charadístico. Publicação semanal.

IDÉIA (A) — fundado e dirigido por Oscar Vieira. O 1.º número saiu em fevereiro de 1929. Circulou até agôsto de 1931.

IRACEMA — pequeno jornal publicado em 1902.

LIBERDADE — hebdomadário aparecido em março de 1903, sob a redação de Fausto Ferrer. Fundador: A. Baima. Trazia o dístico — "A mocidade da nação é a guarda da posteridade. A história dos heróis é a história da juventude" (Ford Beaconsffed).

LIBERTADOR — órgão do Clube Divisionista Lauro Sodré. Publicado em 1904. Tinha o lema: "Revisão ou Revolução." Diretor: Joaquim Frutuoso. Gerente: Fausto Ferrer. Assinatura anual — 6$000. Publicação semanal.

LUZ E FÉ — órgão do grupo espírita Verdade e Luz, publicado a 2 de novembro de 1901. Distribuição gratuita. Redator principal: Arthunio Vieira. Foi o primeiro jornal espírita vindo a lume no Ceará.

MARANGUAPENSE — jornal literário, comercial e noticioso, publicado em 1874 na Tipografia Industrial de João de Oliveira Conde. Nêle publicou Capistrano (n.º 9 de julho de 1874) seu trabalho crítico sôbre os poetas Casimiro de Abreu e Junqueira Freire, subordinado ao título "Perfis Juvenis". Foi o 1.º jornal editado em Maranguape.

MARANGUAPE — aparecido a 14 de setembro de 1901 (por engano diz 1891). Publicação semanal. Redação: Arthunio Vieira: Lema: *Labor Omnia Vincit.*

MARANGUAPE (O) — órgão de defesa dos municípios do Estado. Diretor responsável: Lima Freitas. Colaboradores diversos (1928). Publicação semanal.

MARANGUAPE (O) — hebdomadário independente, literário e noticioso. Diretor e gerente: J. Batista. Redator: Pedro Gomes de Matos. Seu 1.º número é de 27 de fevereiro de 1938. Tipografia Maranguape.

MARANGUAPE (O) — propriedade da Editôra Jornal de Maranguape. Diretor: Gerardo de Paula Costa. Diretor de Redação: Jairo Martins Bastos. Diretor Comercial: João Édson Rôla. Saiu a lume na semana de 7 a 12 de agôsto de 1956. Foi o melhor jornal que Maranguape possuiu.

MARANGUAPE — órgão oficial (anual) do Grupo Escolar Capistrano de Abreu. Seu 1.º número é de 23 de novembro de 1946. Foi impresso, a princípio, sob a forma de revista.

PALHAÇO (O) — jornalzinho publicado em junho de 1877.

PAPAGAIO (O) — jornal crítico, caricato e noticioso, publicado a 1.º de janeiro de 1896. Redação anônima. Tiragem: 200 exemplares.

PEITICA — jornalzinho publicado a 30 de junho de 1898. Redator: José Júlio Gomes da Costa. Tinha por divisa as palavras: "Ou vai ou quebra ou desaprega. Ri-se o sujo do mal lavado e o rôto do esfarrapado" — saiu 3 vêzes — foi um substituto do jornalzinho — "O Calor".

PÁTRIA — órgão da classe estudantil (trimestral), editado pelo Grêmio Literário Capistrano de Abreu, do Ginásio Anchieta, hoje Fundação Monsenhor Rosa. Seu 1.º número é de 30 de maio de 1943.

RONDA — publicado em Maranguape em 1887, na tipografia da "Voz Pública". Escrito por João Conde.

TEJU-AÇU — 1875.

VIOLETA — periódico literário, charadístico e noticioso, saído à luz em 1904. Publicado aos sábados.

VIA-LÁCTEA — jornalzinho literário saído a 1.º de janeiro de 1910 e no qual Eufrásio de Almeida publicou lindos sonetos.

VOZ DO PROGRESSO (A) — 1909.

VOZ PÚBLICA — publicada a 17 de dezembro de 1876. Impressa por J.O. Conde e L.F. Xavier. Nela escreveram José Sombra e Martinho Rodrigues. Publicação aos domingos. Saía da Tipografia Maranguapense.

ASSISTÊNCIA MÉDICO-SANITÁRIA

Desde 1952, possui Maranguape um dos melhores estabelecimentos médicos do Estado: o Sanatório de Maracanaú.

Localizado a 20 quilômetros de Fortaleza, em belo planalto, o clima e a paisagem são, ali, elementos naturais para a recuperação da saúde.

Dirigido por uma equipe de médicos competentes, e dotado de eficientes instalações materiais (430 leitos), os casos mais difíceis têm sido ali tratados, com o recurso, inclusive. de delicadas intervenções cirúrgicas, sendo dos mais elevados o índice de curas.

Em Maranguape, na Sede Municipal, funcionam a Maternidade Olinto Oliveira, um pôsto de saúde do Estado (clínica médica geral), um pôsto de endemias rurais, um ambulatório e 3 gabinetes dentários, que servem a população em seus respectivos setores. Mantém a Associação dos Merceeiros um serviço de enfermagem e de assistência médica e odontológica para os seus associados, o que também é feito pelo Círculo Operário de Maranguape.

Existe em Maranguape um laboratório de análises clínicas, e 6 médicos exercem a clínica e atividades ligadas à profissão, tanto na Cidade como no Município.

Há, ainda, a Colônia Antônio Justa, para leprosos, e as Enfermarias do Instituto Carneiro de Mendonça, do Preventório Eunice Weaver e do Instituto dos Pobres de Maranguape, que atendem exclusivamente aos internados.

Instalam-se, no perímetro urbano, uma drogaria e 3 farmácias.

ASSISTÊNCIA SOCIAL E COOPERATIVISMO

Há em Maranguape 3 importantes estabelecimentos de assistência social, com internamento: o Instituto Carneiro de Mendonça (para menores abandonados); o Instituto dos Pobres de Maranguape (para desvalidos) e o Educandário Eunice Weaver (para filhos sadios de hansenianos).

A Associação das Senhoras de Caridade de Maranguape e a Sociedade São Vicente de Paulo atendem a fins caritativos.

Existem 5 cooperativas, sendo 2 de consumo.

O Clube das Mães Sinhá Braga trabalha em benefício da mãe pobre de Maranguape. Há, também, o Clube das Senhoras de Maranguape, subordinado à Delegacia Federal da Criança.

O Lion's Club de Maranguape presta serviço à comunidade.

MOVIMENTO SANITÁRIO E HOSPITALAR

Em 1962, a Unidade Sanitária de Maranguape atendeu a 19.542 pessoas: 14.771 adultos e crianças acima de um ano; 1.575 gestantes e 3.196 infantes. De março a dezembro de 1962, foram realizados 2.585 exames de laboratório.

Por sua vez, a Maternidade Olinto Oliveira registrou o seguinte movimento hospitalar: parturientes atendidas: 1.008; fetos vivos: 790 (masculinos 380; femininos 410).

CURSO DE SAÚDE

O Serviço Cooperativo de Saúde mantém em Maranguape um Curso de Atendente, através do qual os que o freqüentam obtêm variados e proveitosos conhecimentos, inclusive no setor enfermagem, e se habilitam a servirem nas unidades sanitárias do interior do Estado.

A 28 de julho último, uma turma de 18 môças, de diferentes pontos do Estado, obtiveram diplomas de Atendente.

ASPECTOS TURÍSTICOS

É a Serra de Maranguape, sempre verde e recoberta de nuvens, de clima ameno, suave, repousante, uma das atrações naturais do Ceará.

O Hotel Balneário Pirapora, ali localizado, quase dentro da floresta, a meia encosta da Serra, água cantando por entre as rochas, é um refúgio para os que, cansados das lides diárias, precisam de repouso para o soma e o espírito.

Dispõe de excelente piscina, boa cozinha e bangalôs isolados para hospedagem de famílias. Visitam-no não apenas os turistas como os intelectuais e homens públicos que vêm a Fortaleza.

Dada sua proximidade da Capital, é freqüentadíssimo pelos fortalezenses que já na sexta-feira começam ali os seus *week-ends*.

Aliás, dentro de alguns meses, o velho Balneário cederá o seu lugar ao Balneário Pirapora Palace, conjunto arquitetônico formado por um bloco de apartamentos mobiliados, restaurantes e piscinas, campos de esporte, salão social com televisor, parque infantil, cinema ao ar livre, tudo enfim que possa marcar uma verdadeira estância de repouso.

Do Pirapora já se teve a impressão dos belos recantos de Paquetá, senão, pela falta de praias, de Itatiaia, com as suas matas e montanhas. Belas casas de residência e veraneio, aqui e ali, se destacam no verde escuro da Serra.

Do Pico da Rajada, em soberbo panorama, se descortina o mar, e a Cidade de Fortaleza que junto dêle se demora, "loura desposada do sol".

A CASA ONDE NASCEU CAPISTRANO

Até bem pouco, a casa onde nasceu Capistrano, no Sítio Columinjuba, a 10 quilômetros da Cidade, constituía-se alvo de atenção de pessoas cultas. Desaparecida, por negligência do poder público, o Instituto Histórico do Ceará mandou construir no local, como parte das homenagens levadas a efeito por ocasião do centenário do seu nascimento, um obelisco de 3 metros de altura, em forma de pirâmide, no qual pôs uma placa de bronze com a inscrição: — "Neste local existiu a casa onde a 23-10-1835 nasceu o historiador João Capistrano de Abreu."

O SOLAR DOS SOMBRAS

O Solar dos Sombras é um prédio que, divulgada e conhecida a sua origem, despertaria grande interêsse do ponto de vista turístico.

Sob êsse aspecto conhecem-no apenas os que investigam, os que percebem e sentem o encanto e a sugestão do passado.

Visitando Maranguape em 1953, assim o descreve A. de Silva Melo:

"Dignos de nota, em Maranguape, são alguns prédios residenciais, entre os quais o Solar dos Sombras: vasta construção em colunas espêssas e alinhadas, em estado de perfeita conservação, apesar de nada ser feito para isso.

Informaram-me de que a massa empregada nas colunas e nas paredes exteriores contém casca de ôvo como ingrediente da argamassa, razão pela qual conserva até hoje um extraordinário brilho de mármore polido.

As salas e os largos corredores internos, impressionantes pelas proporções, lembram claustros com as portas e janelas ogivais.

Tudo em silêncio, quase abandonado, dando os próprios sêres que lá vivem a impressão de um passado longínquo, misterioso, que nunca mais voltará. Uma cabra alva, feliz, passeia por um dos longos corredores, quase relembrando um símbolo ou um rito: o animal sagrado, adorado pelos homens, que vive dentro de um templo. O edifício, ao que me relatam, construído sem plantas nem arquiteto, mereceria a proteção do nosso Patrimônio Histórico."

MONUMENTOS

Existem em Maranguape 3 monumentos: um obelisco comemorativo do 1.º centenário da criação do Município; um busto do Presidente Vargas; e uma estátua de Capistrano de Abreu, na qual dois altos relevos lembram a "Catequese" e a "Epopéia dos Sertões".

CASAS NOBRES DE MARANGUAPE

Na Rua Major Agostinho existem casas nobres revestidas de azulejos, típicas da época da riqueza cafeeira em Maranguape.

VIGÁRIOS DA PARÓQUIA

1.º — PE. PEDRO ANTUNES DE ALENCAR RODOVALHO
(De 1849 a 1862)

Nasceu no Exu (PE), filho de Inácio Caetano Rodovalho, natural da Vila de Paul, Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açôres, e de Francisca Joana do Céu, natural de Exu. Batizou-se em agôsto de 1789, em Cococi. Ordenou-se na Bahia a 20 de maio de 1815, sendo a 15 de setembro do mesmo ano nomeado Vigário Coadjutor do Crato. Por Provisão de 7 de agôsto de 1829 foi nomeado Pároco Encomendado da Freguesia de Santa Maria do Rio S. Francisco, a 1.º de setembro de 1833 passou a Vigário Interino do Crato, sendo proposto em 1834 para Vigário Colado de Messejana e nomeado a 25 de novembro de 1836. Em 1849 transferiu-se para Maranguape, acompanhando a mudança da sede da Freguesia de Messejana. Foi Secretário da Câmara da Vigararia do Ceará, em 1833. Figura de grande relêvo social e político. Figurou como Capelão-Mor na heróica Expedição de Caxias, que deu cêrco a Fidié. Foi co-parte intelectual na revolução caririense de 3 de maio de 1817, escapando às malhas do processo. Era homem de regular cultura. Primo do Presidente José Martiniano de Alencar (Padre), também chamado Senador Alencar, e em cuja administração (1834-1837) se instalou a 1.ª Assembléia Legislativa da Província. Segundo o seu neto, Des. Álvaro de Alencar, o seu primitivo nome era Alves, que mudou para Antunes em atenção ao bispo que o ordenara — Pedro Antunes (Fr. Francisco de S. Domingos de Abreu Vieira). Faleceu em Fortaleza às 14 horas do dia 16 de agôsto de 1862.

2.º — PE. FRANCISCO DE SALES OLIVEIRA BASTOS
(De 11-10-1862 a 16-10-1872)

Nasceu nos Inhamuns. Ordenou-se depois de enviuvar. Foi Capelão da Cadeia Pública de Fortaleza, em 1876. Estêve no Maranhão e faleceu em Anacetaba (ex-São Gonçalo).

3.º — MONS. JOSÉ GURGEL DO AMARAL BARBOSA
(De 28-1-1873 a 29-4-1876)

Nasceu em Aracati a 31 de julho de 1845. Terminados os estudos no Seminário de Fortaleza em 1869, foi ordenado e nomeado Pároco de União, onde se demorou três anos. De Maranguape foi transferido em 1876 para o Curato da Sé, cargo que deixou em 1880. Desejoso de conhecer o Sul do Império, dirigiu-se para o Rio de Janeiro, sendo elevado à categoria de Cônego e de Cura da Capela Imperial. Regeu durante a República a Matriz da Candelária. No Rio, foi Professor da Escola Normal e do Instituto dos Cegos. Faleceu a 2 de junho de 1906, logo após seu regresso ao Ceará. Em seu tempo, tiveram lugar as Missões dos Lazaristas Guilherme Van Sand e Antônio Azenar.

4.º — PE. DOMINGOS DE CASTRO BARBOSA
(De 29-4-1876 a 5-4-1894)

Nasceu em Aracati. Matriculou-se no Seminário de Fortaleza em 1865. Ordenou-se a 30 de novembro de 1871. Após longo paroquiato, sentindo-se quase sem vista, obteve exoneração, vindo, depois, a perder completamente a visão. Afastado, assumiu a direção da Paróquia o Coadjutor Pe. Fortunato Alves Linhares. Nesse ano (1894), por ocasião da Festa de São Sebastião, na última novena, sob o fútil pretexto de que se planejava uma "conspiração", foram enviadas a Maranguape 50 praças sob as ordens do Chefe de Polícia, a fim de proibirem tradicionais diversões, que consistiam num simulacro de combates artificiais. Debalde os habitantes e autoridades locais insistiram para que se não desse a proibição.

Como protesto coletivo, os fiéis retiraram-se da Matriz, fechadas as portas, não houve a solenidade religiosa e, dentro de uma hora, a Cidade achava-se envolta em trevas e os habitantes, em silêncio, recolhidos às suas casas.

5.º — MONS. BRUNO FIGUEIREDO
(De 10-5-1894 a 15-10-1895)

Nasceu em Aracati a 6 de outubro de 1852. Vindo para o Seminário, cursou Teologia e recebeu a ordenação sacerdotal a 30 de novembro de 1875, das mãos de D. Antônio Luís dos Santos. Ainda aluno ensinou o 2.º ano de preparatórios e, depois de ordenado, ensinou o 4.º ano até junho de 1878, quando passou a dirigir o Ateneu Cearense.

Fundou o Instituto de Humanidades com Mons. Cruz Saldanha e dirigiu-o até 1884. Foi Professor Interino de Filosofia no Liceu do Ceará. Transferindo-se para Manaus, conquistou, por concurso, a cadeira de Latim do Liceu e foi Professor no Seminário, Externato São José e Colégio Sta. Teresa. No Maranhão, onde estêve a passeio, foi Professor Interino de Latim no Liceu, e lecionou Liturgia no Seminário Sto. Antônio.

Foi Vigário de Soure (Caucaia). Deixando a vida paroquial, foi nomeado Professor de Latim do Estado, funções nas quais se aposentou em 1908.

Colaborou em vários jornais, dentre êles "O Libertador". De grande valia seus serviços à causa da Abolição. Versadíssimo em latim, imprimiu uma tradução em exâmetros latinos do "Episódio de Inês de Castro", de "Os Lusíadas", e outras composições em latim. Recebeu de Leão XII o título de Protonotário Apostólico a 3 de agôsto de 1900.

Proposto para Bispo do Amazonas, recusou a mitra, preferindo continuar como Vigário-Geral da Diocese de Fortaleza.

Governou o Bispado do Ceará. Publicou "Os Primeiros Bispos do Ceará". Foi membro do Instituto do Ceará. Fundou a Associação das Senhoras de Caridade de Maranguape, que até hoje tem prestado eficiente assistência aos pobres e enfermos. Dotou a Igreja-Matriz de paramentos e organizou a cantoria, dando realce às funções religiosas. Faleceu a 29 de setembro de 1930.

6.º — CÔNEGO HENRIQUE RAULINO MOURÃO
(De 15-10-1895 a 24-2-1899)

Natural de Jaguaribe-Mirim, de onde foi Vigário. Nascido a 30 de maio de 1865. Em 1881 matriculou-se no Seminário de Fortaleza, no qual desde o 3.º ano de preparatórios até o último ocupou o cargo de Censor. Proferiu o discurso de saudação ao Príncipe Conde d'Eu, quando êste teve oportunidade de visitar o Seminário em sua excursão pelo Nordeste, em 1888. Em 1889, a 7 de julho, recebeu o presbiterato, já exercendo o cargo de Professor dos preparatoristas, que se pro-

longou até 8 de junho de 1891, data na qual foi nomeado Vigário de São João do Arraial. Foi o primeiro sacerdote cearense que se fêz missionário capuchinho. Tomou o hábito a 25 de março de 1880 no Convento de Canindé, em imponente cerimônia, sob o nome de Pe. Frei Fidélis de Jaguaribe-Mirim. O ato foi presidido por Frei David de Dezensano. Por motivos particulares, pediu dispensa de votos em 1906. Em 1910 foi nomeado Cônego e Vigário de Riacho do Sangue. Durante o seu paroquiato foi iniciada a construção da capela de Jubaia, concluída por seu sucessor. Foi feito o altar da capela de Urucará, obra de madeira e arquitetura, pelo marceneiro Joaquim Moniz.

Foram feitos grandes melhoramentos nas capelas de Tabatinga e Itapebuçu, dotado o Cemitério da Matriz de um Regulamento, passando a ser administrado pela Irmandade do Santíssimo Sacramento. Melhorou a Matriz e restaurou a festa da Padroeira. No seu tempo, ou seja, em 1898, o Missionário Capuchinho Frei David de Dezensano pregou missões na Paróquia: 15 dias na Sede, 8 na capela de Itapebuçu e 8 na de Jubaia, quando foi demolida a capela de taipa e iniciada a construção da atual.

Na sua administração foram abertas as atuais arcadas do corpo da Matriz. Até então, a comunicação com os corredores era feita por duas pequenas portas; foram construídos os altares de Jesus, Maria, José e de Nossa Senhora do Rosário; e, em substituição aos antigos, os da Imaculada Conceição e de Nossa Senhora do Carmo; foram abertos óculos e duas portas na parte exterior; foi feita a escada do côro; finalmente foi adquirido e demolido pequeno sobrado do lado esquerdo da Matriz, tornando-a mais ventilada. O sobrado foi doado à Paróquia, uma parte pelos herdeiros do Visconde de Cauípe, outra pelo Cel. Joaquim José de Sousa Sombra e a terceira pelo Cel. Afro Tavares Campos.

7.º — MONS. VICENTE SALAZAR DA CUNHA
(De 12-12-1889 a 21-11-1913)

Nasceu em Fortaleza a 27 de março de 1856. Tendo freqüentado o Seminário Diocesano, recebeu o presbiterato em 1879. Inteligente educador. Foi Deputado Estadual várias vêzes e chefe político de grande nomeada. Concluiu a construção da capela de Jubaia; efetuou grandes melhoramentos na Matriz e iniciou (na Sede) a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Na sua administração o corpo da Matriz foi assoalhado e forrado com madeira de lei; foi construído o altar de São Vicente de Paulo, adquirido o Relógio da Tôrre e construído o Presbitério, constante de três compartimentos térreos e um sótão.

Foi por essa época que o Exmo. Sr. D. Júlio Tonti, Núncio Apostólico, visitou a Cidade de Maranguape.

Monsenhor Salazar faleceu em Maranguape a 21 de janeiro de 1937 e ali se acha sepultado.

8.º — MONS. JOAQUIM ROSA
(De 21-11-1913 a 1934)

Nasceu a 12 de agôsto de 1877 em Santa Quitéria. Ordenou-se no Seminário de Fortaleza a 30 de novembro de 1902. Foi Coadjutor em Independência e paroquiou a Freguesia de Crateús (1903-1913), de onde se transferiu, como Vigário, para Maranguape, tomando posse a 22 de novembro de 1913. Fundou numerosas associações religiosas e o Ginásio Santa Rita, dirigido pelas Irmãs do Amparo.

Foi Inspetor Escolar em 1935. Doou a sua casa residencial de Crateús à Paróquia de Crateús. Na sua administração, passou a Igreja-Matriz por completa remodelação. Interiormente, foi tôda rebocada a cal e estucada a gêsso pelo Mestre Antônio Cândido, pedreiro da Fênix antiga e do Teatro José de Alencar. Na capela-mor foram substituídos os pequenos arcos por outros de maior dimensão, sendo todos, inclusive as colunas, pintados a óleo por Carlos Severo e Francisco Senhor, sob a direção de Jacinto Matos.

Foi reformado o altar-mor, que tomou feição artística, e construídos os altares do Sagrado Coração de Jesus e Coração de Maria, realizado o fôrro das duas sacristias e Batistério, substituído o pavimento de cimento da capela-mor por assoalho de acapu e pau cetim, com degraus de cantaria; foi instalada iluminação elétrica; feita instalação d'água, graças à generosidade do empresário José Afro Campos; foram adquiridas as imagens da Padroeira, com 1m,40 (oferta de Ritinha Menescal), e as de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do Sagrado Coração de Jesus; a do Sagrado Coração de Maria e as de São José e São Geraldo; quadros da Via-Sacra e bancos para aulas de catecismo; foi construída a capela de Umarizeiras e provida, finalmente, a Matriz de vasos sagrados, alfaias e objetos de ornamentação.

Serviu como Capelão do Bom Pastor. Faleceu em Fortaleza a 6 de abril de 1956.

9.º — PE. JOSÉ BRUNO TEIXEIRA
(De 1934 a 1938)

Nasceu em Itapipoca. Foi Vigário de Cascavel. Exerceu o cargo de Diretor da Escola de Menores Carneiro de Mendonça, de Santo

Antônio do Pitaguari. Foi Diretor da Instrução Pública do Ceará em 1939. Fundou a Obra dos Tabernáculos, com sede no Ginásio Santa Rita; a Confraria das Mães Cristãs; o Centro Paroquial da Obra das Vocações Sacerdotais; a Congregação Mariana de Môças; o Círculo Social Cristo Rei e fêz reflorescer o Apostolado da Oração.

A êle deve-se a aquisição da Casa Paroquial de Maranguape. empreendimento para o qual, autorizado pelo Sr. Arcebispo, houve por bem vender os materiais da Igreja do Rosário, cuja construção, iniciada em 1912, se achava paralisada e sujeita a completa ruína.

10 — DOM RAIMUNDO DE CASTRO E SILVA
(De 15-5-1938 a 12-2-1950)

Nasceu em Aracoiaba a 1.º de maio de 1905. Fêz seus estudos no Seminário de Fortaleza, onde se matriculou em 1924. Ordenou-se nessa mesma capital a 4 de dezembro de 1932. Exerceu o paroquiato em Areias, Pentecoste, Trairi, Pacatuba e Catedral.

Foi nomeado Bispo Titular de Elusa e Auxiliar de Teresina a 17 de junho de 1950. Foi sagrado a 15 de agôsto de 1950, sendo sagrante D. Antônio de Almeida Lustosa e consagrantes D. Aureliano Matos e D. Antônio Campelo. A 17 de novembro de 1954 foi transferido para Bispo Residencial de Oeiras e em novembro de 1957 para Auxiliar de Fortaleza, onde tomou posse a 29 de dezembro.

Espírito franciscano. pela humildade, pela caridade e pelo fervor, seu paroquiato de 12 anos teve uma constante: a assistência social, e dessa atividade em Maranguape existe um marco — o Abrigo dos Pobres, obra que realizou com a ajuda do Deputado Almir Pinto e do Dr. Raimundo Girão.

11 — MONS. FRANCISCO DE ASSIS PORTELA
(atual)

Nasceu em Cascavel a 23 de fevereiro de 1912. Ordenou-se em Fortaleza a 30 de novembro de 1934. Rezou sua primeira missa a 9 de dezembro de 1934, em Cascavel. Sacerdote culto e orador sacro de alto merecimento. Paroquiou Solonópole, Itapajé, Beberibe. A 12 de fevereiro de 1950 tomou posse na paróquia de Maranguape, à frente da qual tem defendido as boas causas com o brilho de sua inteligência e a firmeza de seu temperamento.

Eleito Bispo de Estância (SE) em 1960, recusou, poucos dias antes da sagração, seu acesso à Ordem Episcopal.

VIGÁRIOS COADJUTORES DE MARANGUAPE

1.	Pe. José Inácio de Morais Navarro	1867
2.	Pe. Deocleciano do Rêgo Thaboz	1867
3.	Pe. Vicente da Rocha Mota	1867
4.	Pe. Manuel Lima de Araújo	1868 — 1870
5.	Pe. Constantino Gomes de Matos	1870 — 1871
6.	Pe. José Maria Conde	1872 — 1874
7.	Pe. Raimundo Teles de Sousa	1879 — 1882
8.	Pe. Anastácio de Albuquerque Braga	1882 — 1883
9.	Pe. Joaquim Guedes Nóbrega Alcoforado	1883 — 1884
10.	Pe. Anastácio de Albuquerque Braga	1884 — 1888
11.	Pe. Raimundo da Costa Moreira	1888 — 1889
12.	Pe. Antônio Lúcio Ferreira	1889 — 1893
13.	Pe. Raimundo Alves Linhares	1893 — 1894
14.	Pe. Francisco Pinto da Cunha	1895
15.	Pe. José Pereira dos Santos Alencar	1895
16.	Pe. Antônio Pereira da Graça Martins	1896
17.	Pe. Cícero Chaves	1902
18.	Pe. José Alves Quinderé	1905 — 1906
19.	Pe. Luís de Carvalho Rocha	1909 — 1911
20.	Pe. Otávio Augusto de Castro e Silva	1911 — 1913
21.	Pe. Francisco Rosa	1914 — 1920
22.	Pe. Manuel Caminha	1934
23.	Pe. José Hortênsio de Medeiros	1935
24.	Pe. André Viana Camurça	1936
25.	Pe. Macário Maia de Freitas	1937
26.	Pe. Heitor Vieira Cavalcante	1938 — 1939
27.	Pe. Raimundo Pinto de Albuquerque	1939
28.	Pe. José Sinval Facundo	1941
29.	Pe. José Afonso Ponte	1945
30.	Pe. Antônio Pinheiro Freire	1946
31.	Pe. José Hélio Ramos	1946
32.	Pe. Mauro Fernandes	1947
33.	Pe. Francisco Lima	1951
34.	Pe. Hélio Alves de Lima	1952
35.	Pe. Gerardo Campos	1953
36.	Pe. Eduardo Fialho	1954
37.	Pe. Valdir Medeiros Dantas	1955 — 1956
38.	Pe. Joatham de Carvalho Rocha	1957
39.	Pe. José Ribeiro Damasceno	1958
40.	Pe. Joatham de Carvalho Rocha (atual)	1959

MOVIMENTO ESPIRITUAL

Tradicionalmente, realizam-se na Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Maranguape duas festas religiosas: a de São Sebastião e a da Padroeira.

Constam de novenário, missa e procissão, que se verificam a 20 de janeiro e 8 de setembro, respectivamente, com grande comparecimento de fiéis.

Fervorosos e de especial realce são os exercícios do mês de maio (introduzidos pelo Pe. Galindo F. da Silveira Cavalcante) e a procissão de *Corpus Christi* (em data móvel). Outras festas cristãs (Natal, Dia dos Reis, Páscoa e Ano Bom) pouco diferem da forma como são comemoradas nos demais municípios do interior brasileiro.

O 1.º CENTENÁRIO DA PARÓQUIA

Grandes festividades assinalaram, a 4 de agôsto de 1949, o 1.º Centenário de fundação da Paróquia de Nossa Senhora da Penha, de Maranguape.

Houve missa campal, à qual assistiram mais de 5 mil pessoas; e, na Sacristia da Igreja-Matriz, foi feita a inauguração dos retratos de todos os Vigários da Paróquia, cerimônia a que estiveram presentes o Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Antônio de Almeida Lustosa, e o Governador do Estado, Des. Faustino de Albuquerque.

Na oportunidade, o orador oficial da solenidade interpretou os sentimentos que inspiraram a significativa demonstração de aprêço aos guias espirituais de Maranguape.

O dia 4 de agôsto de 1949 foi de relevante importância na vida eclesiástica, histórica e social de Maranguape.

A Prefeitura ofereceu um churrasco ao povo e um banquete às autoridades.

FESTAS POPULARES

Dos festejos populares destacam-se o carnaval e, sobretudo, as comemorações de São João na Roça, que ainda não perderam, de todo, o seu encanto e será, por muito tempo, no dizer do cronista, "motivo feliz de algumas horas em que a gente, sentindo o sagrado sentimento do amor à família, regressa um pouco à vida antiga dos velhos serões das sortes, das canjicas, das fogueiras, dos sambas e das adivinhações da meia-noite".

Na Vila de Itapebuçu realizam-se, por ocasião das festas do Padroeiro (São Miguel), animadas vaquejadas de que participam vaqueiros da região e são conferidos prêmios aos vendedores do torneio. Outros folguedos populares (Bumba-meu-boi, Congos, Reisados, Pastorinhas, etc.), acham-se em decadência, senão superados pelo cinema, o rádio e a televisão.

Todos os anos realiza-se a "Festa do Algodão", com eleição e coroação da respectiva rainha.

PATRIMÔNIO DA PARÓQUIA

Possui a Paróquia de Nossa Senhora da Penha, de Maranguape, apreciável patrimônio, constituído de prédios e terrenos.

Em 1834, o Capitão Joaquim Lopes de Abreu e sua mulher doaram à Padroeira da Freguesia uma légua de terra, localizada no vale formado pelas Serras da Aratanha e Maranguape, doação hoje estimada em milhões de cruzeiros.

Por falta de zêlo ou, melhor, de advertência, êsse rico patrimônio pertence atualmente a terceiros, em virtude da lei de usucapião, que permite direito à propriedade através da posse pacífica.

Na administração eclesiástica do Vigário Domingos de Castro Barbosa houve tentativa para reavê-lo, porém sem resultado.

CEMITÉRIOS

Os cemitérios de Maranguape são todos eclesiásticos e foram construídos pelos munícipes, por iniciativa dos respectivos vigários.

O cemitério da Igreja-Matriz é dotado de capela, onde se faz o "mês das almas".

FILHOS ILUSTRES

Maranguape não é apenas a terra berço de Raimundo Antônio da Rocha Lima, a maior manifestação de crítico literário que o Brasil ainda possuiu; de Antônio Augusto de Vasconcelos, tribuno e jurista de notável saber; de Djacir Menezes, sociólogo e professor; de Belo da Mota, jornalista e homem de letras; de Hilário Gaspar e Jeová Mota, de Mons. José Quinderé e Jacinto Botelho, de Lauro Chaves e Paulo Elpídio de Menezes Filho, mas, também, de Sebastião Fernandes Vieira e Hélio Bessa, pediatra e cardiologista, respectivamente, e, sobretudo, de Caspitrano de Abreu, "a inteligência mais aguda e pronta que as letras brasileiras já tiveram a seu serviço nos domínios da história".

Terra berço de Francisco Alves Teixeira, Mauro Herbster e Heitor Vieira, destacadas figuras do clero cearense, deu-nos Maranguape fervorosa abolicionista na pessoa de Elvira Pinho, e políticos, entre outros, como o Coronel Antônio Botelho de Sousa, que foi Deputado e Presidente da Assembléia do Estado.

Em Gontran Nascimento, José Mário Barbosa e Alfredo Marques tem Maranguape, inclusive no banqueiro Luís Vieira, destacados propugnadores do seu progresso.

Na Medicina avultam Olavo Fernandes e Laerte de Paula Colares, Aírton Cirino e José Maria Nascimento Pereira (que vem enriquecendo a literatura de preciosas monografias no campo da Psiquiatria, pesquisas e contribuições pessoais) e Argeu Herbster, clínico de vasto conceito profissional.

Na Prática Médica, destacam-se ainda Aníbal Nascimento Pereira e Napoleão Lopes, Radir de Queiroz e Franci Ferreira dos Santos, a primeira maranguapense a formar-se em Medicina; na Odontologia, Nogueira Cirino e José Maria Câmara; na Farmácia, Áureo Bessa e Anastácio Braga; na Agronomia, Élder Cirino Nogueira; nas Letras Jurídicas, J.J. de Pontes Vieira; e, no Serviço Social, Glícia Nascimento Pereira e Pedrina Lima de Abreu.

No setor artístico, destacam-se Miguel Moura, Lígia Nogueira Cavalcante, sua filha, e Chico Anísio, produtor de programas humorísticos na TV carioca.

Elano de Paula, Antônio Telmo Nogueira Braga e Helém Bessa (engenheiros) afirmam-se como homens de emprêsa. Severino Sombra, General do Exército, é figura marcante da gleba maranguapense, não apenas pela firmeza das suas atitudes, como por sua vasta cultura, máxime no que diz respeito aos problemas econômicos do Nordeste.

Na Poesia, destacam-se os Mavignieres — Otelo, José e Pedro; e, na Oratória, o Dr. José Nascimento.

Antônio Baima fêz jornalismo e freqüentou a tribuna popular, destacando-se como precursor da vida intelectual maranguapense.

Na carreira das armas, além de Odilon e Jaime Benévolo, Aldo Bessa Cirino e Hermes Vieira Chaves, avulta o oficial do Exército Augusto Correia Lima, largamente conhecido como homem que nunca temeu a adversidade. A seu cargo estêve o comando do Batalhão Patriótico Rio Branco, ao tempo da luta acreana, e o comando (em 1906) das Fôrças do Estado de Mato Grosso, no Govêrno do Cel. Antônio Paes de Barros, assassinado a 6 de julho do mesmo ano, e ao qual Correia Lima acompanhou até os seus últimos momentos, ou seja, até ver-se prêso e mandado para a Capital Federal.

Cedo emigrado para o Sul, o Cel. Leônidas Cabral Herbster é dos que honram e enobrecem os quadros da Fôrça Pública do Estado de Santa Catarina, Corporação na qual, por mais de uma vez, teve oportunidade de demonstrar em combate sua inteligência e bravura, frente aos elementos que sustentaram em 1932 a Revolução Constitucionalista de São Paulo.

Filhos ilustres de Maranguape são os Drs. José Bonifácio Câmara e Cândido Jucá, José Maria Cirino Bessa e Paulo Gaspar de Menezes (Padre e Professor de Filosofia no Recife), além de Jaime Câmara e Sebastião de Abreu, a quem se deve (em parte) o levantamento da bacia hidráulica do Orós e a construção de canais de irrigação em numerosos açudes do Polígono das Sêcas.

E, dentre muitos outros, é de citar-se Válter Gaspar; João Nunes Pinheiro (odontólogo); Pedro Sombra (cultor das Letras); José Osório, General do Exército; Jorge Moreira da Rocha, poliglota; Joaquim Sombra (saudoso farmacêutico), além do Sr. Luís Girão e dos Drs. Almir Pinto e Tomás Pompeu Filho, êstes últimos filhos adotivos, e que prestam a Maranguape eficiente colaboração.

OUTROS ASPECTOS

Próxima 27 quilômetros de Fortaleza, Maranguape, por largo tempo, sofreu os efeitos do determinismo histórico das cidades vizinhas aos grandes centros urbanos: permaneceu estacionária no seu progresso como que insensível aos impulsos da vida litorânea.

Não obstante, Maranguape ostenta hoje apreciável vitalidade urbanística que se traduz através dos logradouros públicos de que dispõe, tais como a Praça da Matriz (com *playground*); Praças Capistrano de Abreu, Desembargador Pontes Vieira, Joaquim Sombra e João Leite.

Aliás, diga-se de passagem, data da revolução de 30 ou, melhor, da Administração João Bezerra, a transformação substancial por que Maranguape vem passando na vida política e administrativa.

Durante 3 anos o Dr. João Bezerra fêz eficiente e laboriosa administração e criou condições para Maranguape progredir, malgrado a reação oferecida às suas iniciativas, nenhuma das quais privadas de espírito público.

Sem aprofundar comentários, a revolução de 30 foi das mais benéficas para a Comuna maranguapense; e não menos o foi, ainda agora, a Administração Antônio Câmara, agraciado com o título de Prefeito do Ano de 1961, em certame de âmbito estadual promovido pelos Diários e Rádios Associados, sendo Vice-Prefeito o Sr. Luís Girão.

BAIRROS

Na morfologia urbana de Maranguape, observa-se que nenhum bairro, com exceção do Parque Iracema — chamado Cidade Nova —, teve planta organizada e prèviamente traçada. O de Guabiraba foi, de último, completamente modificado, enquanto os de Cajàzeira, Alegria e Tangueira desenvolveram-se espontâneamente.

SERVIÇO D'ÁGUA

Maranguape foi a primeira cidade do Ceará a possuir, em 1909, água canalizada, vindo esta de um ponto da Serra, a 400 metros de altitude (empreendimento levado a efeito pelo Sr. José Afro Campos), no que se antecipou a Fortaleza, Capital do Estado. Em 1947 foram ampliados os serviços de água e esgôto de Maranguape com a perfuração de um poço profundo e a construção de uma caixa d'água com capacidade para 227 mil litros de água, sendo gastos 4 milhões de cruzeiros. Estima-se em 527 os prédios abastecidos de água, tendo cêrca de 10 quilômetros a rêde de abastecimento.

ILUMINAÇÃO

A rêde de iluminação pública de Maranguape abrange a zona urbana e suburbana, sendo a energia de utilização distribuída num sistema de 4 fios (fases e neutro) sob as tensões de 380/220 volts. A Usina dispõe de dois grupos *diesel* elétricos Caterpillar 550 HP e 438 KVA cada, 480 volts e 60 ciclos, e funciona 18 horas por dia. Todos os logradouros públicos são servidos por iluminação pública (415 focos) e domiciliar, esta com 698 ligações.

DA PREFEITURA

Possui a Municipalidade 22 prédios, dentre os quais se sobrelevam o da Prefeitura Municipal (construído e inaugurado em 1878), e da Sociedade Artística Maranguapense (essa fundada a 16 de dezembro de 1875), o do Fomento Agrícola, Cadeia Pública, Emprêsa d'Água, Matadouro, Estatística e Mercado Público.

* * *

Tem-se desenvolvido muito a vida social de Maranguape, mercê dos seus clubes esportivos e recreativos. Ressente-se de acomodações para hospedagem. Há uma pensão e 5 bares em funcionamento. Os

naturais de Maranguape são denominados maranguapenses. Em Maranguape acha-se instalada uma Agência de Estatística, órgão componente do sistema estatístico brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Alvaro Gurgel de — «Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Ceará», 1939.

PIRES DE CARVALHO, José — «Monografia do Município de Maranguape», 1911.

MOTA, Belo da — «Maranguape». 1951.

MOTA, Leonardo — «A Paróquia de Maranguape», em «O Nordeste», de 12-9-1940.

I.B.G.E. — «Enciclopédia dos Municípios Brasileiros», Vol. XVI, 1959.

I.B.G.E. — «Sinopse Estatística do Município de Maranguape», 1948.

UCHOA, Valdery — «Anuário do Ceará», 1962.

GIRÃO, Raimundo — «O Ceará», 1939.

«Boletim Arquidiocesano», Ano III, Abril, 1920. N.º 4.

«Livro do Tombo da Paróquia de Maranguape».